FILHOS DO ÉDEN

LIVRO 3

Outras obras do autor
publicadas pela Verus Editora

FILHOS DO ÉDEN:
LIVRO 1 – HERDEIROS DE ATLÂNTIDA

FILHOS DO ÉDEN:
LIVRO 2 – ANJOS DA MORTE

A BATALHA DO APOCALIPSE:
DA QUEDA DOS ANJOS AO CREPÚSCULO DO MUNDO

EDUARDO SPOHR

FILHOS DO ÉDEN

LIVRO 3

PARAÍSO PERDIDO

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015

VERUS editora

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora Editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Ana Paula Gomes

Revisão
Maria Lúcia A. Maier

Projeto Gráfico
André S. Tavares da Silva

Ilustração da Capa
© Stephan Stölting
www.stephanart.com

© Verus Editora, 2015

ISBN: 978-85-7686-475-2

Direitos mundiais reservados, em língua portuguesa, por Verus Editora.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41
Jd. Santa Genebra II - 13084-753
Campinas/SP - Brasil
Fone/Fax: (19) 3249-0001
www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S749f

Spohr, Eduardo, 1976-
Filhos do Éden : Paraíso Perdido : livro 3 / Eduardo Spohr. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2015.
23 cm

Apêndice
ISBN 978-85-7686-475-2

1. Anjos - Ficção. 2. Ficção brasileira. I. Título.

15-26856

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Este livro é dedicado a todas as mulheres deste mundo
(e de outros, quem sabe)

APRESENTAÇÃO

Um brinde a todos os deuses

Não raro — com bastante frequência, na realidade — as pessoas me perguntam se eu acredito nas coisas que escrevo, se eu creio em Deus ou tenho alguma religião. Quando esses assuntos vêm à tona, eu costumo responder contando uma história que aconteceu comigo, nos meus tempos de faculdade.

No princípio de 2001, um conhecido meu — éramos colegas de turma — foi diagnosticado com câncer e submetido a uma série de procedimentos que viriam — felizmente, diga-se de passagem — a curá-lo do tumor que o afligia. Durante uma conversa, anos mais tarde, ele me explicou como funciona o tratamento quimioterápico: o medicamento entra no sangue exterminando todas as células, sem distinção, acabando com as defesas do corpo e ao mesmo tempo reduzindo as regiões tumorais. O organismo é literalmente destruído, para que possa se renovar em seguida.

Enquanto ele falava, uma imagem muito clara surgiu na minha mente: a do deus Shiva, uma das principais divindades da religião hinduísta. Segundo algumas narrativas, o fim dos tempos é precedido por ele, Shiva, o Destruidor, que devasta o mundo com fogo, água e trovões, queimando as cidades, esterilizando as colheitas e aniquilando os seres humanos. No Ocidente, Shiva é visto como uma entidade maléfica, mas os indianos consideram sua passagem essencial para que Brahma, o deus da criação, possa descer à Terra e repovoar o planeta.

Se Shiva e Brahma existem enquanto imagens personificadas, se flutuam sobre uma imensa flor de lótus ou vivem em um paraíso celeste é — ou, pelo menos, deveria ser — uma discussão secundária. O importante é o que eles representam, o importante é que tais energias (como bem constatou meu amigo) estão e sem-

pre estarão atuando em nossa vida. Nesse sentido, todos os deuses são reais. Desde Shinigami, o deus da morte japonês, até Ísis, a deusa egípcia da fertilidade, todos encontram reflexo em nosso mundo — todos *são* um reflexo do nosso mundo e da maneira como o enxergamos.

Foi tomando por base esse sistema de códigos que eu construí — e ainda construo — meus personagens. Os anjos, demônios e feiticeiros presentes em minhas obras não existem concretamente, mas às vezes, quando levo uma fechada no trânsito, sinto como se um querubim descesse ao meu lado, me incitando a partir para a briga, a quebrar o nariz do sujeito, para logo depois um ofanim aparecer no banco do carona e sussurrar, candidamente: "Calma".

Nesse aspecto, *Paraíso Perdido* é uma homenagem não só a todos os deuses como a todas as criaturas, boas e más, que já visitaram as páginas dos meus romances, daí a ideia de reuni-los pela última vez. Nada mais justo. Foram eles — Ablon, Kaira, Denyel, Orion, Urakin e tantos outros — que me levaram até vocês, leitores, que me fizeram conhecê-los e nos mantiveram unidos por oito anos, desde a primeira publicação de *A Batalha do Apocalipse*, em 2007.

Confesso que, para mim, como escritor, essa jornada teria sido um tanto insossa se eu a tivesse trilhado sozinho, se não a tivesse compartilhado com vocês. Juntos, nós vivemos essa experiência. Juntos, avistamos as torres da Babilônia, escalamos as praias da Normandia, testemunhamos a criação do universo. Enfrentamos dragões e demônios, arcanjos e bruxos, cruzamos o túnel da morte, morremos e renascemos.

Por tudo isso, o universo que nós — não eu, mas *nós* — criamos não pode nem vai terminar por aqui. Este tomo encerra, definitivamente, o arco de histórias que engloba *A Batalha do Apocalipse*, *Herdeiros de Atlântida*, *Anjos da Morte* e, claro, este último volume, *Paraíso Perdido*, mas nada impede que haja mais projetos nessa linha. Já estamos preparando uma enciclopédia visual, a ser lançada em 2016, e quem sabe outros romances possam surgir, num futuro próximo ou distante.

No momento em que você estiver lendo este texto, eu devo estar longe, muito longe, desligado, ou, como se diz atualmente, *offline*. Após dois anos sem férias, quero tirar alguns dias para descansar e recuperar a sanidade perdida, mas em breve estarei de volta e espero revê-los nos eventos, nas sessões de autógrafos e pela internet.

Este é o último parágrafo que redijo para esta trilogia — ou melhor, para esta tetralogia —, e já me sinto um pouco nostálgico. Olho através da janela. É uma quinta-feira chuvosa. Nuvens cinzentas encobrem o céu, mas há um facho de luz entre elas. O curioso é que é sempre assim. Sempre termina. E sempre recomeça.

EDUARDO SPOHR, *outono de 2015*

AS SETE CASTAS ANGÉLICAS

Querubins Anjos guerreiros. Seus poderes são baseados em força, percepção, furtividade e rapidez.

Serafins Nobres, políticos e burocratas. Mestres na persuasão e na manipulação da mente.

Elohins Vivem no plano físico, geralmente disfarçados de seres humanos. Hábeis em se adaptar a etnias e grupos sociais.

Ofanins Anjos da guarda. Seres bondosos, que vagam no plano astral ajudando os seres humanos. Carismáticos, são capazes de controlar emoções.

Hashmalins Torturadores, anjos da punição. Controlam os espíritos e as trevas.

Ishins Celestes responsáveis por governar as forças elementais: fogo, terra, água e ar.

Malakins Sua missão é estudar o universo e a humanidade. Reclusos, podem moldar o tempo e o espaço.

OS SETE CÉUS

Primeiro Céu Tártaro. Lar dos ishins, abriga os quatro reinos elementais. É a camada mais próxima da terra.

Segundo Céu Gehenna. O purgatório. Uma dimensão de escuridão e torturas, destinada a deter prisioneiros e almas em penitência.

Terceiro Céu Éden Celestial. Destino da alma dos justos após a morte.

Quarto Céu Acheron. Camada intermediária. Contém as fortalezas angélicas e os campos de guerra.

Quinto Céu Celestia. Aqui ficam o Palácio Celestial, as cidades aladas e as catedrais celestes. Era o ponto de reunião dos arcanjos antes da guerra civil.

Sexto Céu Raqui'a. Região controlada pelos malakins. Usada como retiro e pavilhão de estudos.

Sétimo Céu Tsafon. Onde Yahweh descansa.

OS ARCANJOS

(em ordem hierárquica)

Miguel O Príncipe dos Anjos. O maior de todos os arcanjos, venceu os exércitos de Lúcifer e os expulsou para o Sheol.

Lúcifer A Estrela da Manhã, chamado também de Filho do Alvorecer, Portador da Luz ou Arcanjo Sombrio. Rebelou-se contra Miguel e hoje tem o próprio domínio nas profundezas do inferno.

Rafael A Cura de Deus ou o Quinto Arcanjo. O mais bondoso e indulgente dos primicérios. Desapareceu misteriosamente nos dias que se seguiram ao dilúvio.

Gabriel O Mestre do Fogo, Mensageiro, Anjo da Revelação ou Força de Deus. Costumava ser enviado à Haled para cumprir missões ordenadas pelos demais arcanjos. Revoltou-se contra o irmão Miguel, dando início à guerra civil.

Uziel O Marechal Dourado. O mais novo dos cinco arcanjos, patrono da casta dos querubins.

PERSONAGENS

Ablon O Primeiro General, anteriormente chamado de Vingador. O maior soldado do arcanjo Miguel. Posteriormente se rebelou, tornando-se o líder dos anjos renegados.

Adão O primeiro homem. Até onde se sabe, foi o primeiro ser humano a se esclarecer.

Amael O Senhor dos Vulcões. É um zanathus, um demônio do fogo, tendo sido um dos responsáveis pelo dilúvio, ao derreter as calotas polares.

Andvari Antigo rei dos anões, nas terras nórdicas. Pai de Dáinn, foi quem forjou o Anel dos Nibelungos.

Balder Para os nórdicos, deus da justiça e da sabedoria, filho de Odin e Frigga.

Bláinn Na mitologia nórdica, o ancestral de todos os anões.

Blóðughófi Égua avermelhada que viria a ser tomada como montaria por Kaira, após a batalha no Hades.

Brokkr Idoso general dos anões.

Brunhildr Alcunhada de Estrondo de Guerra, é uma das quatro capitãs valquírias, filha de Odin.

Cerberus Servo de Metatron, porta-voz e guardião do Hades.

Dáinn Rei dos anões das terras nórdicas, portador do Anel dos Nibelungos.

Denyel Um dos querubins exilados, que durante o século XX integrou o esquadrão dos anjos da morte.

Egill Poeta nórdico, o menestrel dos deuses.

Eric Tate Identidade "mortal" usada por Denyel de 1973 a 1989.

Ério Um dos tripulantes a bordo do *Kelos*, embarcação coríntia, no período anterior ao dilúvio.

Eva A segunda mulher de Adão, oferecida a ele por Metatron após Lilith ser expulsa do Jardim do Éden.

Fafnir Dragão do fogo, pai de Níðhöggr, morto pelo herói Siegfried nos tempos mitológicos.

Falhófnir Corcel de pelagem bege e patas grossas tomado como montaria por Urakin, após a batalha no Hades.

Feng Um dos três guardiões da ponte sobre o rio Lon, nas montanhas Tay-Pin.

Fenris O maior, mais feroz e mais antigo lobo das terras nórdicas. Vive no reino gelado de Niflheimr.

Fjalar Príncipe dos anões, filho de Dáinn e neto de Andvari.

Freya Deusa nórdica da sexualidade, da fertilidade e da vida.

Frigga Deusa-mãe dos aesires, esposa de Odin, mãe de Thor, Balder, Tyr e das quatro capitãs valquírias.

Gísl Cavalo negro de Denyel.

Glær Égua de Hildr.

Godi Bisneto do lobo Fenris, era um dos responsáveis por guardar a fortaleza de Iðavöllr.

Grani Alazão filho do mítico Sleipnir, o cavalo de Odin.

Gren Um ogro.

Grimhildr Chamada de Rainha Azul, é uma ninfa que assumiu o controle da torre de Vídbláin, após os elfos de Álfheim regressarem à Arcádia.

Gunnar Clérigo dinamarquês que ofereceu a jovem Siegnet a Odin.

Gunther Hoje um dos einherjar, foi um chefe bárbaro na região da Borgonha entre os anos 436 e 407 a.C.

Hagen Um dos einherjar.

Hash'tir Nascido na ilha de Thule, pertencente à casa Bh'lon, governava a Hiperbórea a serviço dos Magos Brancos, uma confraria existente antes do dilúvio.

Hefesto Deus olímpico da tecnologia, dos ferreiros, artesãos, escultores, dos metais, da metalurgia, do fogo e dos vulcões. Filho de Zeus, é manco e corcunda.

Heimdall Conhecido pela alcunha de Observador, é o deus nórdico que tem o poder de abrir a Ponte Bifrost, em Asgard.

Hela Deusa nórdica da morte e dos mortos-vivos. Vive nas terras de Helheim, o domínio mais distante sob os galhos da Yggdrasil.

Herja Fogo de Odin, era uma das quatro valquírias originais, filhas de Odin. Foi morta pelo gigante Thrymr.

Hermes Deus dos ladrões, é um dos olimpianos. Chamado também de Mercúrio.

Hildr Grito de Batalha. Capitã das valquírias, em Asgard.

Ikol Troll a serviço do gigante Thrymr, na fortaleza de Iðavöllr.

Inanna Cria de Lúcifer e Lilith, é uma das lilins. Posteriormente, uma baronesa do inferno. Alcunhada de Filha das Trevas.

Ishtar A Fúria Dourada. Querubim comandante da Legião das Espadas, subordinada a Ablon.

Ismael O Executor. Aliado de Kaira e Urakin. Foi um dos poucos hashmalins que abraçaram a facção rebelde.

Jörmungandr Na mitologia nórdica, uma serpente gigantesca, mãe de todos os dragões.

Kaira Centelha Divina. Capitã dos exércitos revolucionários de Gabriel, é uma ishim da província do fogo.

Kali Serafim pertencente à estirpe dos suryas. Reconhecida pelos homens antigos como a deusa da morte e dos sacrifícios humanos.

Kha O Sol. O sentinela que mantém controle sobre o território antediluviano de Sakha.

Kothar-wa-Khasis Um dos ex-Buscadores de Enoque, tornou-se um arquimago renegado.

Kumada Um dos três guardiões da ponte sobre o rio Lon, nas montanhas Tay-Pin.

Lao Um dos três guardiões da ponte sobre o rio Lon, nas montanhas Tay-Pin.

Levih O Amigo dos Homens. Ofanim partidário das forças rebeldes.

Loki O deus da trapaça na mitologia nórdica.

Metatron O Primeiro Anjo, chamado ainda de Rei dos Homens sobre a Terra ou Anjo Supremo. Ex-líder dos sentinelas, foi preso por se rebelar contra os arcanjos.

Minos O mais importante dos reis de Creta na era mítica. Desafiou seu pai, Zeus, e acabou preso no Hades com seu exército de mirmidões.

Molloch Hashmalim responsável pelo Cárcere do Medo, a maior prisão do Segundo Céu. Posteriormente viria a se tornar um dos nove duques do inferno.

Muzhda O Colosso de Ferro. Um dos chamados Três Pilares de Metatron, mantinha controle sobre uma aldeia nas montanhas Tay-Pin, antes do dilúvio.

Myst Tempestade da Vitória, a mais nova das filhas de Odin e uma das quatro capitãs valquírias.

Nathanael O Mais Puro. Um ofanim, braço direito do arcanjo Rafael e depois mensageiro do arcanjo Gabriel.

N'glalek Um dos netos de Tehom.

Níðhöggr Filho de Fafnir e neto da serpente Jörmungandr, é um dos dragões do fogo.

Nyr Bisneto do lobo Fenris, era um dos animais responsáveis por guardar a fortaleza de Iðavöllr.

Oberon Rei dos elfos sobre o trono de Ynys Wydryn, no plano etéreo.

Odin Chefe dos deuses nórdicos da guerra, os aesires.

Orcus Um dos barões do inferno.

Orion O Rei Ungido de Atlântida, chamado ainda de Senhor dos Mares ou Estrela de Prata. Elohim que posteriormente viria a cair com Lúcifer, tornando-se um demônio da casta dos satanis.

Parcos O mais velho dos tripulantes a bordo do *Kelos*, embarcação coríntia, no período anterior ao dilúvio.

Rachel Arsen Menina antes aprisionada no avatar de Kaira. Foi libertada durante a batalha em Athea, relatada em *Filhos do Éden: Herdeiros de Atlântida*.

Radamanthys Irmão de Minos. Reconhecido como o maior guerreiro humano que já existiu.

Samael Anteriormente um serafim subordinado a Lúcifer, viria a se tornar um demônio. Famoso por se travestir de serpente e oferecer a maçã à jovem Eva, sendo por isso chamado de Serpente do Éden, Satã ou Satanás.

Samyaza A Senhora dos Portais. Uma sentinela infiltrada na casta dos elohins a mando de Metatron.

Shekhinah A Presença de Deus. O maior dos elohins enviados à terra pelo arcanjo Miguel para assumir os postos deixados pelos sentinelas entre as sociedades humanas.

Siegfried Herói nórdico responsável por matar o dragão Fafnir. Filho de Odin com a jovem mortal Siegnet.

Siegnet Mãe de Siegfried, foi uma das amantes humanas de Odin.

Sif Cabelos de Trigo, esposa do deus Thor e rainha dos aesires.

Sirith Demônio raptor. Foi derrotado por Denyel e Urakin na batalha de Athea e caiu (ferido, mas ainda vivo) nas águas douradas do rio Oceanus.

Sköll Lobo negro, filho do poderoso Fenris.

Skuld Bisneto do lobo Fenris, era um dos animais responsáveis por guardar a fortaleza de Iðavöllr.

Sleipnir Cavalo sagrado de Odin.

Soma Um dos principais almirantes de Orion, é um atlante, comandante do navio *Baghti*.

Sophia Uma das supostas elohins residentes na terra, teoricamente não relacionada aos interesses da teia.

Surtr Chefe dos gigantes do fogo, filho do falecido Ymir.

Svadilfari Pai de Sleipnir. Garanhão cinza-escuro que ajudou a construir os muros do Valhala.

Tamuz Um dos capitães do arquimago Kothar, no zigurate de Barak-Maru.

Teth O Terceiro dos Sete. Um dos malakins que anteriormente controlavam os anjos da morte.

Thera General atlante nomeado guardião de Egnias, a Segunda Cidade.

Thor Para os nórdicos, o Deus do Trovão, filho de Odin.

Thrymr Chefe dos gigantes do gelo, rei dos gigantes e filho do falecido Ymir.

Titânia Rainha dos elfos sobre o trono de Ynys Wydryn, no plano etéreo.

Tyr Deus nórdico da justiça, primogênito de Odin e irmão de Thor.

Ullr Deus nórdico da caça.

Urakin O Punho de Deus. Um guerreiro obstinado e forte, parceiro de missão de Kaira e Ismael.

Uzza O Invencível, general querubim da estirpe dos shedus.

Yaga Hashmalim sob as ordens de Andril. Foi a "intercessora" de Denyel entre os anos 50 e 70.

Ymir O ancestral de todos os gigantes nórdicos. Pai de Thrymr e Surtr. Morto por Odin.

Yrsa Égua de batalha pertencente a Sif, a rainha dos aesires.

Zeus Chamado de Deus dos Deuses, é o líder do panteão olímpico.

Þrúðgelmir Gigante das colinas. O verdadeiro pai do deus Loki.

O MANUSCRITO SAGRADO DOS MALAKINS

No princípio não havia nada, apenas o caos, e quem o governava era Tehom, a suprema força da escuridão e das trevas. O espírito de Deus, Yahweh, pairava então sobre a face do abismo, reunindo em si tudo o que era justo, o que era bom, o que era certo e luminoso.

Naqueles dias, anteriores mesmo ao contínuo do tempo, claridade e negrume se enfrentaram nos obscuros cantos das fossas primevas. Tehom tinha a seu lado uma miríade de seres disformes, dentre os quais Behemot era o mais elevado. Yahweh concebeu a seu modo os cinco arcanjos, e eram eles Miguel, o Príncipe dos Anjos, Gabriel, o Mestre do Fogo, Rafael, a Cura de Deus, Uziel, o Marechal Dourado, e Lúcifer, a Estrela da Manhã. Munidos de espadas brilhantes, esses alados combateram à espreita do pai e, após incontáveis duelos, baniram seus oponentes do universo comum.

E houve, enfim, um primeiro dia.

No amanhecer do segundo dia, Deus fez a luz e, ao entardecer, esculpiu um sem-número de entes divinos, os *anjos*, para ajudá-lo na feitura do espaço. O primeiro anjo foi Metatron. Forjado no núcleo escaldante da grande explosão, ele serviu de molde para os celestiais que nasceriam a seguir. Inspirado em Metatron, Yahweh organizou os celestes em sete castas, cada qual dotada de poderes místicos e de uma natureza específica, diretamente associados a suas tarefas na criação. Surgiram assim anjos guerreiros, burocratas, juízes, anjos da guarda e toda sorte de entidades servindo sob as ordens do céu.

No terceiro dia, Deus e seus sectários deram forma às estrelas, às constelações e nebulosas, e no quarto dia aos planetas, estéreis e cinzentos, até que o universo

pariu seu maior santuário: um astro repleto de cor e de vida batizado, nos primórdios, de Éden. O Éden, ou Terra, era um mundo diferente dos outros, onde todas as coisas estavam ligadas, cada rio, cada floresta, cada sopro do vento, cada gota no oceano, como uma teia que a todos cercava e unia. Brotaram da água seres os mais diversos, anfíbios e peixes, moluscos e répteis, e houve, com isso, um quinto dia.

No sexto dia, a seleção natural refinou as espécies, tornando-as espertas e inteligentes. Uma delas se espalhou pelo globo, dando origem ao homem, considerado por Deus seu trabalho mais primoroso. Cansado e ao mesmo tempo fascinado, Yahweh presenteou os seres humanos com uma fagulha de sua essência imortal — a *alma* — e ordenou aos alados que se curvassem a eles, lhes servissem e os adorassem. Então, antes de partir para o eterno descanso, entregou aos arcanjos a regência do céu e designou um coro para governar sobre a terra, com o encargo de orientar os mortais, sem, contudo, interferir em suas ações. Como autênticos defensores da humanidade, esses observadores solenes foram chamados de *sentinelas*, e seu líder, Metatron, nomeado Rei dos Homens sobre a Terra.

Sem a tutela de Deus, porém, a paz não se sustentaria por muito tempo. No raiar do sétimo dia, um dos arcanjos, Lúcifer, recusou-se a venerar os terrenos, sendo ele uma criatura de luz, um dos herdeiros diretos do cosmo. Secretamente, Lúcifer manipulou seu irmão Miguel, que planejou um genocídio, mas para que a catástrofe — para que *qualquer* catástrofe — tivesse efeito seria preciso, antes, desafiar os sentinelas, responsáveis por salvaguardar o planeta.

Lúcifer empregou várias artimanhas para que Metatron perdesse a fé, e, quando todas elas falharam, o arcanjo Gabriel em pessoa foi mandado ao plano físico com a incumbência de convencer o Rei dos Homens a retornar às alturas, mas este se negou, afinal sua missão fora outorgada por Deus. No curso desses primeiros séculos, Metatron e seus anjos sucumbiram aos desejos carnais, cultivando esposos e esposas, gerando filhos e filhas, e jamais rejeitariam seus lares nem permitiriam que alguém os tomasse.

Ao repudiar a hecatombe, os sentinelas foram caçados, o que os obrigou a se esconder e a fugir. Muitos acabaram mortos, até Metatron ser finalmente preso e arrastado à detenção no Segundo Céu, a Gehenna. Seus postos nas sociedades primitivas foram ocupados pelos elohins, agentes leais ao príncipe Miguel, e a seguir vieram os cataclismos, a grande erupção dos vulcões, os terremotos e alfim o dilúvio, que reduziu ainda mais o seu número.

Depois disso, não só o reino físico, mas também o paraíso se transformaram. Os arcanjos eram como os cinco dedos de uma mão, e Metatron, seu antagonista, era o punho que os mantinha coesos. Com o Rei dos Homens capturado e sua revolta esmagada, a união dos primogênitos ruiu. Primeiro foi Lúcifer, que por

inveja e ganância se opôs aos irmãos e acabou atirado ao inferno. Séculos mais tarde, Gabriel, exausto de tanto sangue e matança, rebelar-se-ia contra o tirânico Miguel, dando início à guerra civil que hoje se alastra pelas sete camadas celestes. Incapaz de aceitar os parentes brigando, Rafael, a Cura de Deus, preferiu abandonar a família e se isolar em alguma dimensão paralela.

De modo que não fosse visto — ou tratado — como mártir, Metatron foi poupado da execução e esquecido no cárcere por anos, para de lá escapar, agora que o Apocalipse se anuncia. Dos calabouços da Gehenna surgiu o boato de que, enlouquecido, ele traçou um plano em silêncio, descobrindo um jeito de retomar seu santuário perdido, tornando-se não apenas o salvador da raça humana, mas o único e soberano deus sobre o mundo.

Antes da grande batalha do Armagedon, antes que o sétimo dia encontre seu fim, os antigos aliados, Miguel e Gabriel, atuais adversários, deparam-se com uma nova e perigosa ameaça — uma que já consideravam vencida: a eterna luta entre o sagrado e o profano, entre os arcanjos e os sentinelas, que novamente, e pela última vez, se baterão pelo domínio da terra, agora e para sempre.

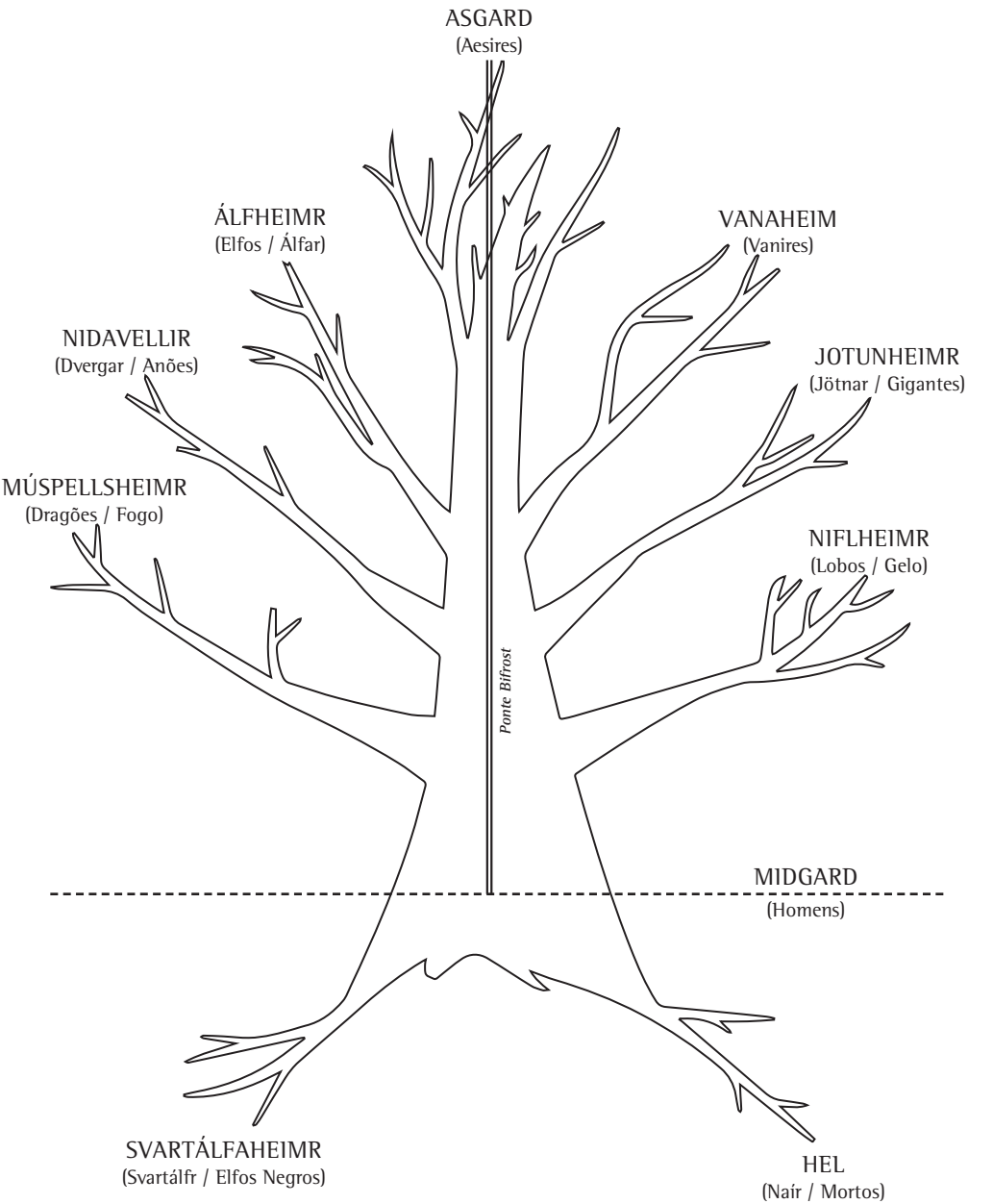
LIVRO 3

PARAÍSO PERDIDO

PARTE I

O CREPÚSCULO DOS DEUSES

YGGDRASIL


ASGARD
(Aesires)
ÁLFHEIMR
(Elfos / Álfar)
VANAHEIM
(Vanires)
NIDAVELLIR
(Dvergar / Anões)
JOTUNHEIMR
(Jötnar / Gigantes)
MÚSPELLSHEIMR
(Dragões / Fogo)
NIFLHEIMR
(Lobos / Gelo)
Ponte Bifrost
MIDGARD
(Homens)
SVARTÁLFAHEIMR
(Svartálfr / Elfos Negros)
HEL
(Naír / Mortos)

1

O PARAÍSO TERRESTRE

Jardim do Éden, nos primórdios da humanidade

Era uma vez, na aurora dos tempos, um reino de maravilhas incalculáveis, repleto de árvores frutíferas e animais graciosos, onde o solo era fértil e os lagos, puros e cristalinos. Nesse lugar, em meio às grutas e cachoeiras, Adão, o primeiro homem, vivia feliz com sua esposa, Eva, sob a proteção direta do pai, a quem chamavam "Senhor". O Jardim do Éden era um oásis de inesgotáveis recursos, situado na confluência dos rios Tigre e Eufrates, a sudeste da Mesopotâmia. Quem de suas fontes bebia se tornava imortal, e fora nessas condições que Adão por séculos habitara tais matas, sem conhecer a dor e o medo, o sofrimento e a morte.

O jardim tinha sete portões e quatro rios, que o cortavam de leste a oeste e de norte a sul, irrigando os campos de forma abundante, atenuando o calor, semeando flores de beleza ancestral, germinando bosques muito verdes e copiosos. Dentro desse refúgio, os dias seguiam uma nobre rotina, e, enquanto Eva coletava raízes, o primeiro homem caçava.

Certa tarde, Adão notou uma gazela que saltitava e deu a volta numa gigantesca figueira. Ergueu o corpo, afastou o cabelo, esperou o momento propício e atirou sua lança. O animal caiu às margens de um riacho, o pescoço sangrando, os olhos embaçados. O ferimento era grave, então ele correu sobre a relva, agarrou uma pedra e se preparou para deslanchar o golpe de misericórdia, quando percebeu que acertara uma fêmea, o ventre dilatado, as mamas duras, cheias de leite.

Deteve-se. O braço tremeu e ele sentiu uma angústia profunda, pensando nas crias que nunca nasceriam, que não gozariam o contato com a mãe. Sendo assim, o consternado Adão se ajoelhou e chorou, desejando que nunca tivesse partido naquela aventura, e foi então que um ser se materializou a seu lado. A figura, inicialmente translúcida, aos poucos se condensou numa entidade física, muito parecida com um homem comum, de meia-idade, a barba crespa, a calvície formando entradas na testa, o corpo robusto, os pelos grossos. Das costas nascia um par de asas cor de areia, e sua expressão era ora terna, ora severa, como de fato deveria ser a atitude de um pai.

— Por que chora, Adão? — trovejou o Senhor, as asas se espichando, os pés descalços roçando na grama.

— Oh, pai. Fui cego e estúpido. Não enxerguei que esta presa gestava e agora a condenei, assim como a toda a sua linhagem. Como posso privar qualquer um, seja homem, planta ou animal, de experimentar as riquezas do Éden?

— Não se entristeça — tranquilizou-o o ente barbudo. — Pois saiba, meu discípulo, que fui eu quem o confundi.

— Como? — O rapaz se levantou. Enxugou as lágrimas com o dorso da mão, engoliu a saliva em excesso. — Por quê?

— Estou sempre a testá-los. É essa a minha função — disse. — Ofusquei sua vista de propósito, para observar o que faria a seguir e como agiria em face do dilema. Mesmo faminto, você se recusou a esmagar o pobre animal. Por quê?

— Porque o que fiz foi errado — respondeu Adão. — Minha alma me diz que é errado.

— Sua alma lhe serve a contento — a voz do pai se encrespou. — Portanto, escute-me agora. Bem e mal não são simplesmente pontos de vista, mas existem perante o universo. Certo e errado são leis ecumênicas, forças superiores a você, superiores a mim, inclusive, e que devem ser respeitadas. — Dito isso, o Senhor se aproximou do bicho e como por mágica o ferimento sarou, todo o sangue se esvaiu, até que a gazela voltou a andar. — Eis mais uma de minhas diretrizes, mais um de meus mandamentos. Não se esqueça dele. Zele para que a terra perpetue seus frutos, preserve as sementes comestíveis e nunca, *jamais* tire a vida de uma fêmea em gestação. Essas regras são minhas e, como meu herdeiro, serão suas também.

Como um aluno obediente, o homem concordou, alegre por testemunhar a façanha. Naquele dia, Adão guardou a lança, retornou à sua cabana e deitou-se com Eva. Os dois comeram juntos, degustando raízes, e contemplaram o poente.

À sombra da mesma figueira, o Senhor observou Adão se afastando. No interior daquele santuário, onde tudo era inocente e sagrado, o tecido da realidade,

a cortina mística que separa os planos físico e espiritual, afinara-se a tal ponto que nem os anjos, criaturas de substância puramente celeste, encontravam problemas para se manifestar em suas formas verdadeiras, conjurando suas armas, armaduras e asas. Sabendo disso, um serafim que pela região flutuava avistou o matagal, desceu em rasante, trespassou um dos sete portões e se apresentou ao anfitrião, logo na entrada.

O nome desse serafim era Samael, conhecido por ser o imediato de Lúcifer, então um dos cinco regentes do cosmo. Insidioso como seu mestre, Samael se mostrou, no jardim, conforme era avistado no céu: seu corpo surgiu delgado e moreno, untado por algum tipo de óleo balsâmico. Os cabelos pretos estavam penteados para trás e exalavam um perfume agridoce. O nariz era agudo, os olhos, castanhos, e o rosto terminava em um cavanhaque pontudo. De tronco nu, trajava uma saia comprida, bordada com fios de ouro, e as asas, esguias e delicadas, pareciam cobertas pelo mesmo metal, formando um conjunto reluzente, meio claro, meio bronzeado.

— Salve, Metatron — ele começou, num tom diplomático que soava postiço. — Salve, Primeiro Anjo, Rei dos Homens sobre a Terra, líder e comandante dos sentinelas. Estaria eu perturbando o trabalho de sua majestade suprema?

Metatron retribuiu o olhar, circunspecto. Nutria respeito pelos arcanjos em geral, sobretudo pelo príncipe deles, Miguel, mas nunca confiara realmente em Lúcifer, a quem considerava o mais ardiloso dos primogênitos, e Samael tinha a mesma personalidade de seu amo, o que o tornava assaz perigoso.

— Salve, Samael. Que assuntos o trazem ao Éden?

— É uma beleza o que diante de mim se revela. Um oásis nos confins do horizonte deserto — ele se desviou da pergunta, fitando a copa das árvores. — O primeiro casal o idolatra como a um deus; eles o enxergam como o único e verdadeiro senhor do universo — provocou Samael, sempre educado, fazendo parecer um elogio. — É fabuloso o seu ministério, ó Rei dos Homens, uma alegria para os entes divinos. Yahweh ficaria encantado.

Farto da ladainha, Metatron deu um passo à frente e desafiou o forasteiro. Os dois eram a imagem do céu e da terra. De um lado pairava o sentinela, rústico na aparência, a barba crespa, o tronco forte, os cabelos desgrenhados, as mãos calejadas. De outro, confrontava-o o serafim de penas douradas, a silhueta longilínea, as costas eretas, as unhas polidas, os dedos magros.

— Por que não me diz — insistiu Metatron, e as palavras ficaram mais duras — que assuntos o trazem ao Éden?

— Oh, não queria ofender. — O visitante recuou uns dois metros e abriu os braços em sinal de humildade. — Sou um amigo e venho com a intenção de ajudar. — Tornou a olhar para cima, para a lua que nascia ao leste. — Fiquei pen-

sando há quanto tempo o poderoso monarca está aqui concentrado. Centenas, milhares de anos? Pois saiba que, lá fora, a civilização ganha força. Por todas as quinas da terra surgem novas culturas, novas sociedades que se multiplicam e prosperam.

— Eu sei. — Metatron franziu o sobrolho. — Não pense que estou alheio ao que transcorre no mundo.

— Ah, mas de uma coisa sua graça não sabe. — Samael enrijeceu o indicador. — Nem todos os sentinelas realizaram proezas tão belas. Para além destes muros, tribos estão em guerra, clãs e aldeias entraram em confronto. Em vários pontos do Éden, começaram pilhagens, batalhas e carnificinas, incitando sentimentos maléficos no coração dos terrestres.

— Sei disso também. Eis o motivo pelo qual ainda mantenho meus filhos enclausurados, longe da corrupção que por todos os lados se prolifera.

— Mas até quando? — exclamou o anjo dourado. — Sim, meu companheiro alado, um alerta é o que vim hoje fazer. Por maior que seja o esforço, não há como preservar o casal. Logo eles vão querer sair, vão desejar a liberdade.

— Não há liberdade maior do que a vida no interior destas cercas. — O Rei dos Homens encerrou o assunto declarando sua fé nos comparsas: — Em breve, os demais sentinelas completarão suas demandas, e teremos paz novamente. — E acrescentou, como se pudesse ler o serafim por inteiro, como se enxergasse suas reais intenções: — Contanto, claro, que ninguém os estorve, que ninguém os atrapalhe. Quem assim o tentar será considerado meu inimigo.

— Rogo para que se cumpra tal prognóstico, ó generoso senhor do canteiro. — Samael ofereceu um largo sorriso, cheio de dentes. — Que reine a paz no final. — Tomou distância e expandiu as asas. — Salve, Metatron. Salve, Yahweh.

Encerrado o debate, Samael se desmaterializou e na condição de espírito atravessou os portões. Metatron ficou a meditar sobre o que ele pretendia, sobre o que *Lúcifer* pretendia. E a partir daquele momento, só por precaução, trancou as sete portas, determinando que, à exceção dele, nenhum alado poderia adentrar o jardim. Se um anjo cruzasse as fronteiras, ele saberia.

Com certeza saberia.

2

BRINCANDO COM FOGO

Margem leste do rio Oceanus, tempo presente

Frio. Foi a primeira coisa que Kaira sentiu, logo que retomou a consciência. O cérebro acendeu lentamente, mas os músculos continuavam rígidos, e os olhos pesavam como alçapões de concreto.

Frio.

Cega, indefesa, sem saber onde estava, ela procurou conjurar seus poderes, juntou energia para aquecer o corpo.

Nada.

Só o frio.

Frio.

Kaira, Centelha Divina, era uma arconte, uma capitã a serviço do céu. Era também uma ishim, a casta de anjos que controla as forças da natureza, e seu elemento era o fogo. Não muito tempo atrás, ela fora enviada ao plano físico — à Haled — com a incumbência de destruir Metatron, um antigo inimigo do paraíso, que escapara recentemente do cárcere. Mas, antes de dar início à jornada, Kaira resolvera por conta própria resgatar Denyel, um de seus aliados, que desaparecera fazia alguns meses, sendo tragado por um portal e se perdendo nas águas do rio Oceanus, uma das estradas místicas que, ao lado do rio Styx, contornam o espaço e as dimensões paralelas.

Uma vez no Oceanus, Denyel poderia ser transportado a qualquer parte do cosmo, então ela recrutou uma equipe com o objetivo de localizá-lo — para só

depois, com o time reunido, principiar a caçada a Metatron. Na companhia de Urakin, um anjo guerreiro, e de Ismael, um dos regentes do purgatório, ela seguiu pistas por todo o planeta, deixadas pelos extintos povos atlantes, até encontrar a cidade perdida de Egnias e uma nova passagem aos confins do universo.

O percurso, entretanto, revelar-se-ia tempestuoso. O Oceanus é conhecido por inibir os poderes angélicos, e talvez isso os tenha feito dormir. O maior temor de Kaira, agora, era ter sido capturada por seus oponentes. O paraíso vivia, ao anoitecer do sétimo dia, uma sangrenta guerra entre as forças legalistas do arcanjo Miguel e as tropas revolucionárias de seu irmão Gabriel, e ela pertencia à segunda facção, uma unidade de alados que se insurgira contra a tirania, contra a política celeste de exterminar os terrenos.

O corpo foi esquentando e aos poucos ela conseguiu se mover. Engasgou-se. Tossiu. Ofegou. Depois, fez silêncio.

Completo silêncio.

Escutou murmúrios, grunhidos, sentiu uma vibração a seus pés. Um tremor. Uma, duas, três pegadas e a seguir alguma coisa a ergueu pela cinta. Trôpega, Kaira abriu os olhos, para enfim se deparar com um cenário *sui generis*.

O local era — ou parecia ser — um bosque, uma floresta temperada, envolta por uma clara neblina de inverno. Os pinheiros tinham o tronco grosso, os galhos robustos, terminando em gotejantes pontas de gelo. O solo, as folhas e as pinhas estavam permeados por uma fina camada de neve, e ao olhar para cima ela avistou nuvens cinzentas, que encobriam o céu e os raios solares. O clima era gélido, e o nevoeiro, muito denso e concentrado, ocultava os detalhes da mata, contudo os poderes de Kaira lhe permitiam gerar fogo e calor, o que, indubitavelmente, a salvara da hipotermia.

O ser que a apanhara era um monstro, ao que tudo indicava. Parecia-se (muito vagamente) com um homem das cavernas, mas somava dois metros e meio de altura e tinha a face enrugada, marrom, com os globos oculares saltados, os dentes podres e os lábios encardidos. De pele áspera, cheia de verrugas e talhos, vestia-se de modo grosseiro, com trapos e remendos de couro. Na mão direita carregava um tacape, uma clava, perfeita para bater e esmagar.

— Ei, Gren — a criatura, idêntica aos ogros retratados nas lendas, nos mitos e nas sagas nórdicas, acenou para um segundo ser da mesma espécie, que apareceu por trás de um roble. Sua voz era estranha, misto de guincho e rugido. — Olhe só, uma ninfa. Que fome eu fiquei de uma hora para outra.

Kaira podia agora se movimentar, mas estava presa. O ogro a apertava com os dedos, manuseando-a com água na boca.

— Ninfa? — O gigante na retaguarda deu um arroto, coçou a barriga. — Mas as ninfas não se foram com os elfos?

— Oh, os elfos. — O captor a cheirou, as narinas circuladas de musgo. — Então é uma valquíria, decerto.

— Uma valquíria sem armadura? Nunca vi.

— Nem eu. Tanto melhor, é mais fácil de despelar — disse o primeiro e alçou a Centelha nos ombros. Kaira esperneou, esforçou-se para se libertar, mas o gigante era forte. Conjurou então sua aura, sentiu um formigamento na espinha, até que a própria pele enrubesceu, esquentou feito uma chapa de ferro. O monstro que a conduzia tomou um susto e imediatamente a soltou, espanando o dorso com as palmas abertas, sacudindo as costas para se refrescar. Destra, ela caiu com os pés firmes na neve. — Sua maldita! — berrou o facínora. — Queimou a minha mão.

— É o que acontece com quem brinca com fogo. — Ela afastou os longos cabelos ruivos, encarou-os com seus olhos verdes e deu um passo atrás, em posição defensiva. Incendiou os punhos até que eles ficassem iguais a duas tochas brilhantes, as flamas rubras desprendendo fumaça. — Onde estou? Quem são vocês e que lugar é este?

— Pirotecnia? — O monstro a ignorou. — Viu, Gren? Eu disse que ela era uma fada.

— Oh, Deus. — Kaira desviou o rosto para se livrar do mau hálito. — O que você andou comendo?

— Mocinhas como você — respondeu um dos ogros e brandiu a clava para atacá-la. Já preparada, a arconte rolou à direita, ergueu-se e disparou uma bola de fogo. O golpe não saiu tão poderoso quanto ela esperava, mas acertou a criatura na testa. Cega e com muita dor, a fera largou a arma e recuou. — Meus olhos — gritou. — Gren, ela me cegou, essa elfa. — Segurou-se numa árvore, usando-a como ponto de apoio. — Por Thrymr, estou cego. Estou cego, Gren.

O colega do monstro se espantou com a ferocidade excessiva. Kaira, que na mente deles nada mais era que uma fada perdida, revelara-se, afinal, uma oponente voraz. Ela, por sua vez, embora estivesse agora em plenas condições de lutar, seguia confusa, intrigada com esse novo ambiente. Que sorte de aberrações eram essas? Indivíduos famintos, estúpidos e deformados, que se comportavam, literalmente, como os gigantes dos contos de fadas. Por certo não eram demônios, muito menos seres humanos. E, como ela não sentia as vibrações do tecido, estava claro que aquela não era uma floresta terrestre, tampouco uma zona astral ou etérea. Kaira se encontrava em uma dimensão paralela; a questão era saber *que* dimensão e quem a governava.

O ogro de rosto queimado se distanciou, mais desapontado que ferido, como um imenso bebê que corre para casa. O parceiro que ele chamava de Gren tomou as dores, deitou o bastão de lado, juntou os pulsos, trançou os dedos e golpeou

em semicírculo. Kaira deu uma cambalhota por baixo de suas pernas, escapando da investida, quando a fera girou nos calcanhares e a encarou, possessa. Focado unicamente em estraçalhar a celeste, o ser não percebeu uma quarta figura que entrava em cena, uma sombra que chegou ao combate saltando — e que com um murro o atingiu no nariz. O repugnante Gren caiu de costas, a cara amassada, os dentes rachados, as gengivas sangrando.

De pé sobre um tronco, divisava-se outro anjo, da ordem dos querubins. Alto e musculoso, de cabelos raspados e cavanhaque castanho, fazia lembrar um pugilista, um desses campeões dos pesos-pesados, capazes de matar com apenas um soco.

— Urakin? — Kaira se alegrou ao reconhecer o amigo. — Onde estava?

— Despertei faz dez minutos, vasculhei o bosque e persegui seu odor. — Os querubins são predadores, e quase todos possuem os sentidos bastante apurados, o que lhes permite seguir trilhas e rastros. Urakin, o Punho de Deus, como fora alcunhado no paraíso, trajava ainda suas roupas comuns: calças jeans surradas, camiseta branca e coturnos pretos. — E você?

— Mesma coisa — respondeu a celeste, sempre atenta aos ogros, que estavam abatidos, mas não mortos. Gren permanecia no chão, gemendo, enquanto o outro desaparecera na névoa. — E Ismael? — ela se lembrou do terceiro integrante do coro, agora que a briga esfriara. — Pode farejá-lo?

— Não. Ainda não consegui captar o cheiro dele — Urakin falou baixo para não atrair outras feras. — Estamos perto do Oceanus, isso eu já conferi. O rio atravessa um trecho da floresta, serpenteia por entre três carvalhos e depois se perde nas brumas.

Os dois cautelosamente se afastaram do ogro, olhando em todas as direções, calculando cada passo, sumindo na cerração.

— Precisamos encontrá-lo. E descobrir que lugar é este, o quanto antes.

— Qual sua hipótese?

— Ismael era o cérebro. — Kaira tornou a se recordar do amigo, um anjo impiedoso, calculista, porém justo e inteligente, totalmente devotado a ela. — De qualquer maneira, não sinto as oscilações do tecido, então só podemos estar em outra dimensão.

— Sim, mas em qual?

— Talvez a Arcádia. O gigante me confundiu com uma ninfa. — Ela achou curioso porque os ishins, no passado, tiveram estreita ligação com o reino das fadas. — E a Arcádia é a pátria dos elfos.

Urakin não retrucou. Em vez disso, parou de andar e fez sinal com o indicador sobre os lábios para que ela não fizesse barulho. Kaira se calou e, quando pers-

crutou o terreno de novo, teve a impressão de que as árvores tremiam. Mas não eram as árvores — eram mais ogros, que, antes ocultos, escondidos na mata, agora os cercavam pela frente e por trás. As feras tinham a carne escura, a pele vincada, os braços porosos, próprios para camuflagem, podendo emboscar suas presas. Súbito, Kaira e Urakin estavam rodeados não por dois, mas por *oito* monstros, armados com enormes tacapes, tão altos e fortes quanto as primeiras bestas que os haviam agredido.

— O que me diz? — Urakin estudou o bando que se achegava. — Como lidamos com essas... monstruosidades?

— Do jeito clássico.

— Como?

— Eu mostro. — E, com os braços pegando fogo, a celeste recomeçou a disputa. Invocou um jato de chamas, que se alastrou sobre o peito do adversário mais próximo, incendiando seus trajes de couro. O gigante rasgou os farrapos e se abanou, mas não chegou a se ferir, então continuou trotando ao encontro deles. Urakin interferiu no duelo catando um fragmento de madeira e o arremessando no ar. O estilhaço penetrou o coração do inimigo, perfurando-lhe o corpo e o matando na hora.

— O que houve? — o guerreiro voltou-se para a Centelha, sem entender por que suas chamas, outrora tão possantes, não surtiam o efeito padrão. — Tudo bem com você?

— Não sei. — Ela esfregou as palmas, o atrito gerando faíscas. — Não deve ser nada — supôs. — *Espero* que não seja nada.

À exceção do primeiro ogro, exterminado por Urakin, outros sete ainda lutavam. Um monstro à sua esquerda o ameaçou com um chute, mas antes de desferi-lo uma lança trespassou-lhe as costelas. Cascos então foram ouvidos, e mais pontas foram jogadas.

Kaira se abaixou, instintivamente, enquanto um cavalo pulava sobre ela, e depois mais outro, e outros. Uns dez, *quinze*, ela contou. Sobre esses corcéis cavalgavam jovens mulheres, os cabelos trançados, principalmente louras e ruivas, mas havia morenas também. Envergavam couraças metálicas, forjadas sob medida, com elevações para os seios. Usavam elmos que protegiam a cabeça, deixando a boca e o queixo à mostra. Suas armas variavam do arco à azagaia, do sabre ao machado, e algumas portavam tridente. No meio delas, destacava-se um lutador solitário, também protegido por uma armadura completa. Montava um garanhão de crina escura, e em vez do elmo usava um capacete todo fechado. Como arma trazia uma espada, uma que Kaira já conhecia, apenas não sabia de *onde*.

O cavaleiro se mostrava feroz em combate. Com sua lâmina, degolou dois gigantes de uma vez. Urakin nada fez, diante do risco de ser pisoteado, em meio

a trotes e empinadas. O regimento, porém, detinha absoluto controle da luta, e em três minutos os sete monstros jaziam no solo, o crânio despedaçado, os membros partidos, o busto perfurado por adagas ou flechas.

Uma mulher loura, de braceletes prateados, conduziu sua égua à presença dos anjos, mirando contra eles sua lança de caça. Não só ela, mas agora as demais guerreiras os afrontavam, furiosas, como se eles fossem inimigos, não visitantes.

— Celestes? — a amazona os recebeu de modo agressivo. — O que fazem aqui? Quem são vocês? O que pretendem em nossas terras?

— Eu lhe diria — Kaira respondeu com toda a calma. — Se soubesse que terras são estas.

— Invasores — ela rosnou novamente. — Já não nos bastavam os gigantes? — Segurou mais firme o arpão. — Direi só uma vez. Este é o bosque real dos deuses de Asgard. — E tornou a perguntar, quase gritando: — Quem são vocês? O que vieram fazer nestas plagas?

A desconfiança era justificada. Havia muito tempo, os anjos travaram uma guerra contra os deuses — as Guerras Etéreas, ocorridas vinte e cinco mil anos antes —, mas acabaram derrotados, sendo expulsos de muitas regiões do planeta, onde a autoridade desses ídolos permaneceu inabalada. Mesmo vitoriosos, era absolutamente natural que os espíritos antigos nutrissem, ainda, grande suspeita contra os celestes e os considerassem, de certa forma, adversários ferrenhos.

— Sou Kaira... — ela começou a falar, mas fez uma pausa quando viu o capitão, o único homem da comitiva, caminhar até eles em atitude pacífica. Sua armadura era negra com detalhes de aço, suja e cheia de cortes, sugerindo que aquele era um indivíduo de ação, que gostava das incursões, da peleja e da guerra. Parou na frente dela, deu um longo suspiro e removeu o capacete, revelando enfim seu semblante.

Urakin arregalou os olhos. O cavaleiro era Denyel em pessoa, exatamente o anjo que eles tanto desejavam encontrar. Os cabelos pretos não haviam mudado, mas a barba, essa sim, ele deixara crescer. Com menos de um metro e oitenta, Denyel não era exatamente o que se esperaria de um guerreiro nórdico, todavia sua expressão compensava, radiando uma aura ferina.

— Denyel? — Kaira estava sem palavras, então o abraçou. O capitão retribuiu o gesto, mas algo não se encaixava, era como se ele não estivesse completamente à vontade, como se quisesse dizer alguma coisa. — O que... — ela titubeou. — O que aconteceu com você?

— Faísca? — ele a chamou pelo apelido. Na face, havia iguais doses de felicidade e tristeza. — Por quê? Por que veio atrás de mim?

3

O FRUTO PROIBIDO

Mesopotâmia, em um passado remoto

Após a visita de Samael, Metatron tomou a decisão de selar seus domínios, estabelecendo que nenhum celeste, à exceção dele próprio, poderia cruzar os sete portões. Mas Samael era teimoso e pediu a seu amo, Lúcifer, que lhe ensinasse a arte da transmutação. Disfarçado então de serpente, ele se esgueirou por baixo das grades que cercavam o jardim e conseguiu penetrá-lo. Rastejou por dois dias através dos rincões até encontrar uma macieira robusta, carregada de pomos vermelhos, e se enroscou confortavelmente em seu tronco.

Pendurado em um dos galhos o anjo esperou, aguardou com a maior paciência. Numa tarde, avistou uma moça desnuda, correndo feliz sobre os campos floridos. Os raios solares desciam enviesados quando a jovem Eva se deparou com a macieira em questão — ela coletava víveres para o jantar e nunca contemplara iguarias tão frescas, aparentemente tão suculentas. Mas, ao se aproximar do terreno, notou que o canto das aves cessara. Ora, os bichos não sabiam que a serpente era Samael travestido, mas uma cobra é ainda assim um animal perigoso. Eva também farejou a ameaça, sentiu o alerta do coração, mas as maçãs lhe pareciam tão belas que julgou que valia a pena correr o risco.

Uma nuvem cinzenta os encobriu no instante em que Eva se adiantou. Curiosa, ela olhou para o réptil, um ser que até então desconhecia, já que Metatron não deixava entrar predadores naquele extremo do Éden. Depois se retraiu, temerosa.

— Não se assuste, ó filha dos homens — disse a criatura numa voz sibilante. — Chegue mais perto e tome esta maçã como presente.

— Quem é você? — ela perguntou, tão desconfiada quanto maravilhada. O animal era diferente de todos os outros. Suas escamas coriscavam ao reflexo da luz, passando do castanho ao dourado conforme os movimentos da cauda. — Qual é o seu nome?

— Sou um anjo — respondeu a víbora. — E o meu nome é Samael.

— Um anjo? — A moça afastou as folhas do rosto. — O que é um anjo?

— Um mensageiro — explicou por entre os dentes pontudos. — Um emissário de Deus.

— Quem é Deus?

— Seu pai nunca lhe contou?

— Não.

— Ah, então não serei eu a contar — o serafim jogou a isca, e a rapariga a fisgou. O que mais o alegrava era corromper as pessoas, e Eva era a inocência encarnada. — Nós, anjos, somos entidades místicas, dotadas de poderes extraordinários. — Ora brancas, ora negras, as pupilas fremiam num padrão hipnótico. — Somos os regentes do céu e da terra, dos animais e dos homens.

— Dos homens? — Neste ponto, a jovem estava completamente seduzida. Ela sentia o apetite crescer, não pelas maçãs, é claro, mas por alguma coisa que anos mais tarde chamaria de "conhecimento". — Não é Adão o primeiro homem, e eu a única mulher?

— Se assim fosse, de onde *você* teria nascido? — A cobra gargalhou, e Eva experimentou a vergonha pela primeira vez. — Existem outros homens e outras mulheres no exterior do jardim, bem como belezas naturais infinitas. A oeste há um lago tão extenso que não se pode enxergar o fim, e ao sul a paisagem termina em morros altíssimos, muito maiores que duzentas árvores sobrepostas.

— Se existem mais como nós, por que o meu pai não nos disse? — A moça tomou as palavras como insulto, mas não conseguia se desvencilhar, não conseguia ir embora e deixar a cobra falando sozinha. — Não acredito em você, criatura rastejante.

— Ó criança, há quanto tempo o Senhor a tem enganado? — A língua bifurcada se agitava na boca. — Pois nem mesmo neste santuário você foi a primeira. Houve antes outra mulher, uma que se deitou com Adão, fez amor com ele e depois se esvaiu.

— Prove.

— Pergunte ao seu pai sobre Lilith. Não se esqueça do nome. — Samael fez uso da carta na manga: — Mas não culpe o seu pobre marido, pois ele não se recorda dos fatos. Foi o Senhor quem lhe apagou a memória.

— Por quê?

— Por quê? — Outra risada indecorosa, escorrendo veneno. — Para mantê-los presos, confinados, como formigas na palma da mão. — O tom ficou mais agressivo, não contra ela, mas *a favor* dela, acusando Metatron. — Para privá-los da liberdade.

— O que é a liberdade?

— É a capacidade de escolher o próprio destino, ter a chance de decidir entre o bem e o mal antes que a morte os alcance.

— Morte? — Eva tinha uma vaga noção do que era a morte, pois já vira animais sendo caçados, mas nunca pensara que conceitos como *finitude*, *esquecimento* e *ausência* se aplicariam a ela algum dia. — O que é a morte? O que ela representa para mim?

— Separação deste mundo. — A cobra assumiu um tom sério, e Eva reparou que suas lições eram mais envolventes que as do Senhor. Metatron não dialogava com eles, apenas lhes ditava normas. — O seu pai construiu este refúgio para torná-los imortais, mas ao preço da castração, fazendo-os estéreis e dóceis, obedientes e inférteis, e por consequência privando-os do amor verdadeiro.

— O que é o amor verdadeiro?

— É o amor instintivo. — A cobra a fitou com aqueles perturbadores olhos redondos. — Por que as gazelas, as andorinhas e até os peixes podem procriar, e vocês não? — perguntou, numa oratória impecável. — É por meio dos descendentes que a raça humana propaga o legado, é através deles que se torna imortal. Se insistirem em ficar no jardim, estarão livres do sofrimento e da dor, mas nunca saberão como é o mundo lá fora e jamais conhecerão o amor soberano. — E finalizou com uma conclusão filosófica: — Pois, acredite, jovem Eva: é na dificuldade, e não na alegria, que a ternura aparece, as relações são testadas e os laços se fortalecem. O jardim é uma ilusão. O jardim é o útero, e o Senhor, seu cordão.

Eva sentiu vontade de chorar, gritar, fugir, mas se calou. O que pensariam dela? O que diriam os cervos e os pássaros, e como a julgaria a serpente? Seria real o que acabara de ouvir? E se ela não fosse única, e se tivesse existido mesmo a tal Lilith?

— Como? — A jovem se mostrou vulnerável, e foi então que o serafim efetuou sua manobra. — Como sairemos do jardim, se o Senhor nos vigia?

— Isso eu não posso dizer. — Samael recolheu-se, deixando no ar o segredo mais profundo. — Terão que descobrir por si mesmos. — E, quando Eva insistiu, ele pegou uma maçã com a boca e lhe entregou. — Converse com o seu marido. Só converse. E leve para ele este fruto.

* * *

Uma vez semeada a discórdia, Samael resolveu desaparecer do jardim, antes que alguém o desmascarasse. Desceu da árvore em completo silêncio, rastejou na direção sul e se escondeu numa toca por duas semanas. Quando o inverno ia chegando, deslizou sobre a grama, cavou um túnel com o nariz e escapou do paraíso terrestre.

Para além do oásis, o cenário revelou-se escaldante. Não havia muita coisa a não ser areia, poeira e fragmentos calcários.

Samael julgou estar salvo. Faltava-lhe somente retornar aos Sete Céus e dar a seu mestre a grande notícia, contando — *versejando*, quem sabe — como corrompera o primeiro casal. Mas ele acabara de avançar pelos ermos quando teve seu disfarce anulado por uma energia superior. De repente, não era mais uma cobra, era o anjo de sempre, a pele morena, as asas douradas, o cavanhaque oleoso. Pego em flagrante, tinha os cotovelos abertos, o abdome colado na terra. Então, ao erguer o queixo um centímetro, descobriu quem o espiava, e não era ninguém menos que Metatron.

— Majestade? — Samael deu um sorriso acanhado e fez menção de se ajoelhar, mas o sentinela não deixou.

— Fique no chão, onde é o seu lugar. — Com o calcanhar, o Rei dos Homens pisou-lhe a nuca, quase o esmagando contra o solo. Samael tentou gritar. Não conseguiu. — O que eu lhe disse, entidade maldita?

— Mas... — Ele cuspiu sangue e cascalho. — Não fiz por mal, sua graça — tentou se justificar, como normalmente agem os covardes. — Veja, foi o meu amo, Lúcifer, quem me enviou à Haled com a missão preparada. Só cumpro ordens.

— Sim, eu sei. — Metatron ergueu o invasor pelo pescoço. — É por isso que vou mandar para ele um recado.

Ditas essas palavras, o líder dos sentinelas atirou sua vítima através da planície. O corpo rolou por uns duzentos metros até estacionar sob um pedaço de rocha. No momento seguinte, intensificou o castigo, virando-o novamente de bruços. Samael tinha consciência do que ele planejava, sabia quanto sofreria, e não viu saída a não ser suplicar.

— Clemência — implorou. — Piedade, em nome de Deus.

— Em nome de Deus? — o barbudo enojou-se. — Quem é você para...

— Clemência — o serafim tornou a berrar. — Misericórdia. Perdoe este pobre celeste. Perdoe-me por tê-lo desacatado.

— Samael, você já deveria saber: eu não sou do tipo que perdoa. — Embora implacável, o guardião do jardim não tinha nem nunca tivera uma personalidade maléfica e no fundo não queria provocar dano a ninguém, mas o crime exigia uma punição exemplar, ou a mensagem não seria transmitida a contento. — Conhece a rotina, não conhece?

Sem esperar a resposta, Metatron deu início ao massacre. Com as duas mãos, agarrou-lhe a asa direita e com um simples puxão a arrancou de seu dorso. O ataque foi seco, recheado de crueldade, e dilacerou ao mesmo tempo os ossos, o tecido e a carne, tão rápido que o sangue só esguichou um segundo depois. Samael se contorceu e emitiu um uivo esganiçado, que ecoou de norte a sul da Mesopotâmia, das montanhas de Zagros ao vale do rio Eufrates, das margens do Tigre às praias do golfo Pérsico.

O solo bebia então litros de sangue, deixando claro que o serafim não suportaria um novo estirão. Como não queria — não *podia* — matá-lo, em vez de ensaiar outro choque, Metatron torceu-lhe a segunda asa, partindo-a como quem tritura um graveto. Depois, girou-lhe os tendões em movimentos de rosca, até que os nervos descolaram, sobrando apenas uma ponta branca onde outrora se projetava o apêndice.

Com dois avantajados rasgos nas costas, através dos quais se enxergavam os pulmões, o elegante Samael era agora uma pasta escarlate, de pernas trêmulas e feições deformadas. O Rei dos Homens tornou a rodá-lo, dessa vez de cabeça para cima, e com um tapa o despertou.

— Envio-o de volta aos Sete Céus, ó serpente da desgraça. Diga à Estrela da Manhã que sou eu quem manda no Éden, e que ele nunca mais despache seus anjos para seduzir os meus filhos.

— Garanto que ele não o fará, ó Senhor — murmurou o serafim, regurgitando nódoas cruentas. — Pois isso não será mais necessário. — E, mesmo agonizante, ele sorriu pelo canto da boca, sabendo afinal quem vencera a disputa. — Não será mais necessário.

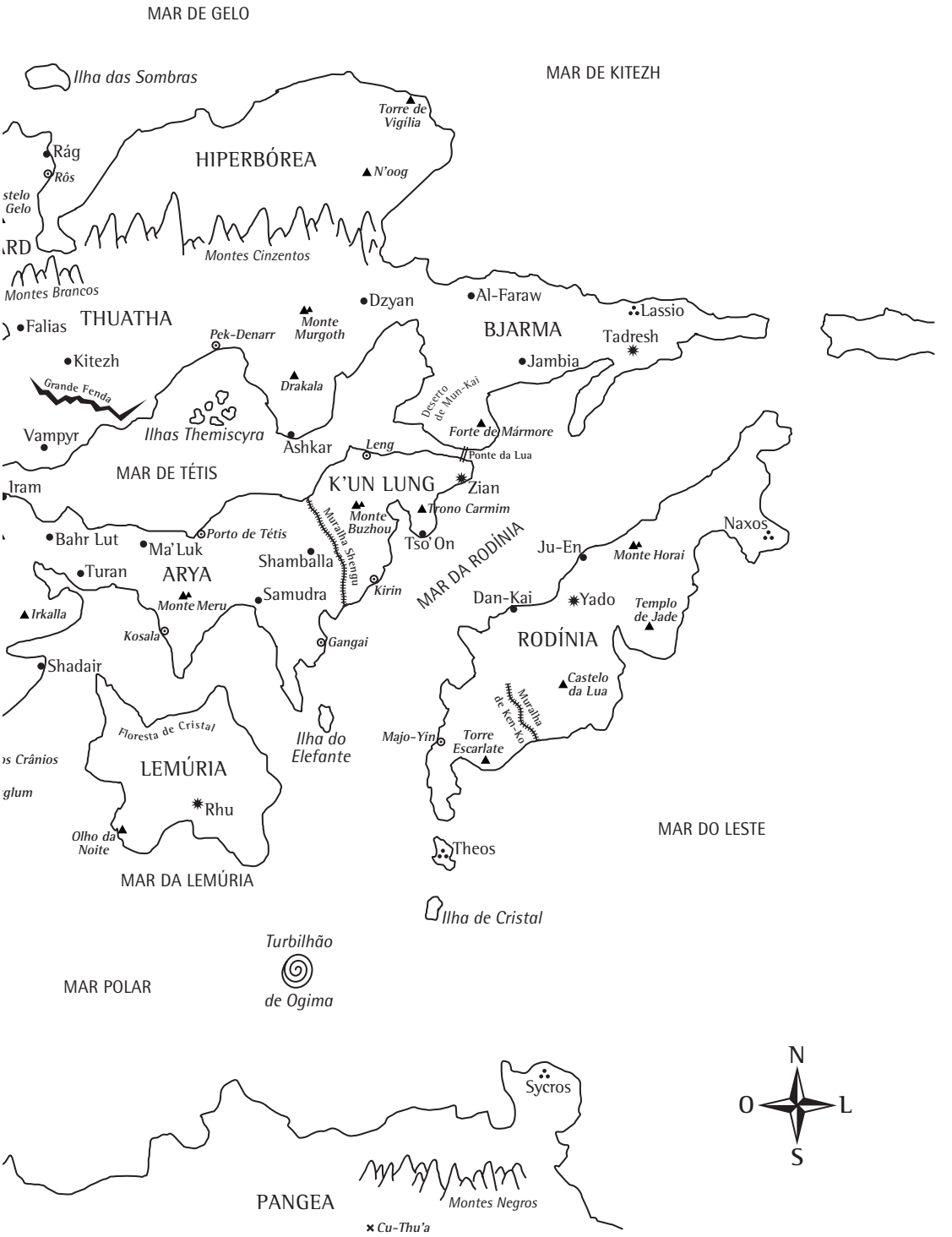
PARTE II

ANTES DO DILÚVIO

O MUNDO CERCA DE 35.000 A.C.

LEGENDA

- ✷ Capital
- ● Cidade
- ▲ Templo/Torre/Fortaleza
- ⊙ Porto
- ∴ Colônia Atlante
- × Ruína
- ▲▲ Monte/Montanha


MAR DE GELO
Ilha das Sombras
MAR DE KITEZH
Torre de Vigília
HIPERBÓREA
Rág
Rós
N'oog
stelo Gelo
RD
Montes Cinzentos
Montes Brancos
Dzyan
Al-Faraw
Lassio
THUATHA
Falias
Monte Murgoth
BJARMA
Tadresh
Pek-Denarr
Kitezh
Jambia
Grande Fenda
Drakala
Deserto de Mun-Kaj
Vampyr
Ilhas Themiscyra
Ashkar
Forte de Mármore
Leng
Ponte da Lua
MAR DE TÉTIS
Iram
K'UN LUNG
Zian
Trono Carmim
Monte Buzhou
Muralha Shangu
Porto de Tétis
Bahr Lut
Ma'Luk
Tso'On
MAR DA RODÍNIA
Naxos
Ju-En
Monte Horai
Turan
ARYA
Shamballa
Samudra
Kirin
Dan-Kai
Yado
Templo de Jade
Irkalla
Monte Meru
Kosala
Gangai
RODÍNIA
Shadair
Castelo da Lua
Muralha de Ken-Ko
Floresta de Cristal
Majo-Yin
Torre Escarlate
Ilha do Elefante
os Crânios
glum
LEMÚRIA
Rhu
Olho da Noite
MAR DO LESTE
Theos
MAR DA LEMÚRIA
Ilha de Cristal
Turbilhão de Ogima
MAR POLAR
Sycros
N
O
L
S
PANGEA
Montes Negros
Cu-Thu'a

26

O REI UNGIDO DE ATLÂNTIDA

Cidade de Atlântida, cerca de 35.000 a.C.

Outros tempos.
Inigualáveis.

Quem hoje explora as ruínas do mundo, quem visita o Taj Mahal, a Grande Muralha da China, a cidade de Chichén Itzá ou mesmo as pirâmides de Gizé não imagina que esses monumentos são *retratos*, reflexos miúdos de uma era perdida.

Em um passado longínquo, permanentemente apagado dos registros da história, uma certa raça de primatas, os eridais, espalhou-se pelo globo terrestre. O evento, mais tarde chamado de Grande Migração, propiciou o surgimento da espécie humana e sua divisão em três ramos: os homens, mais versáteis, os neandertais, mais fortes, e os atlantes, mais refinados. Por quase duzentos mil anos, antes dos egípcios, antes dos sumérios, antes dos babilônicos, nosso planeta viveu um período de glória e opulência inimagináveis, cujos reinos, impérios e sociedades seriam devastados pelas catástrofes subsequentes, pelos terremotos, pela erupção dos vulcões e enfim pelo grande dilúvio.

Naqueles dias antigos, o poder estava concentrado em duas cidades-Estado. Uma delas era Enoque, a Bela Gigante, a pátria dos homens, fundada por Caim, filho de Adão, e a outra era Atlântida, a Joia do Mar, regida por Orion, a Estrela de Prata. Muito antes disso, quem governava a terra era Metatron e seus sentinelas, mas eles foram banidos por se recusarem a ajudar os arcanjos na tarefa de exterminar a humanidade, durante a era do gelo. Como se não bastasse, deram

abrigo aos mortais, permitindo que eles sobrevivessem à glaciação, e por tais crimes foram caçados. Seguiu-se ao degelo o primeiro cataclismo, e nesse ínterim muitos sentinelas acabaram mortos ou capturados. Seus postos nas nações terrenas foram ocupados pelos elohins, anjos devotos ao príncipe Miguel. Orion, o Rei Ungido de Atlântida, era um desses agentes, condecorado nas alturas e extremamente fiel aos primogênitos celestes.

Enoque — ou Nod, como se chamavam o Oriente Médio e arredores — e Atlântida não eram apenas países, eram potências expansionistas e, como seria de esperar, tornaram-se rivais. Enquanto a segunda, sob o ministério de Orion, cultuava os arcanjos, a primeira não se submetia à vontade dos alados ou de qualquer criatura oriunda dos céus. Os atritos entre esses dois magníficos impérios terminariam por levá-los à guerra — às Guerras Mediterrâneas, como foram nomeadas —, resultando em uma série de campanhas militares, escaramuças e contendas políticas que persistiriam por séculos. Mas, enquanto homens (ou melhor, *enoquianos*) e atlantes guerreavam, a preocupação no paraíso era outra. Os arcanjos temiam, ainda, uma insurreição dos sentinelas, já que alguns deles, incluindo seu líder, Metatron, continuavam à solta. Para acabar de vez com o problema, eles enviaram à Haled o arcanjo Gabriel, mas ele falhou na tentativa de prender o Rei dos Homens sobre a Terra. Sabendo que aquele seria sobretudo um duelo de princípios, e não de força, Miguel escolheu um de seus generais mais persistentes — Ablon, da casta dos querubins — para completar o serviço. Ordenou ao herói que liquidasse os últimos insurrectos e apanhasse Metatron *vivo*, para que ele não fosse tomado como mártir, arrastando-o ao cárcere no Segundo Céu, a Gehenna.

Ablon era um guerreiro formidável, disciplinado e talentoso, mas à época pouco conhecia acerca da humanidade, suas regiões e territórios. Miguel sugeriu, então, que ele procurasse por Orion, que poderia ajudá-lo em seu nome. Foi assim que, em uma manhã quente de primavera, com a brisa sacudindo os pendões, agitando as velas das naus capitânias, o Rei de Atlântida escutou uma movimentação incomum nas escadarias que conduziam ao palácio. Percorreu os jardins, as antecâmaras, as piscinas termais, os salões de mármore, cruzou um extenso corredor, ganhou o terraço e parou à sombra do frontispício, de onde tinha uma clara visão de sua capital adorada.

Naqueles tempos, a Joia do Mar vivia seu esplendor. A cidade-Estado fora erguida sobre uma ilha redonda — a ilha de Mu —, pois não há defesa mais eficiente que o mar. Uma muralha de quarenta metros de altura a cercava, e para alcançar a fortaleza central era necessário transpor três anéis paralelos de água, todos protegidos por muros e cortados por quatro canais — a norte, sul, leste e oeste —, como enormes avenidas marinhas que seguiam até o coração da me-

trópole. Ao passo que a cidadela era reservada aos membros da corte, aos nobres e diplomatas, a primeira faixa de terra (de dentro para fora) estava ocupada por prédios religiosos e santuários de adoração aos heróis mortos nas Guerras Mediterrâneas. Na segunda faixa de terra ficavam o setor militar, os quartéis e os campos de treinamento, e na terceira multiplicavam-se os armazéns, as estalagens, os banhos públicos e os portos onde os navios atracavam. Conta-se que os gregos, ainda no período mítico, chegaram a encontrar resquícios dos edifícios atlânticos, tendo-os copiado, daí a antiga capital projetada por Orion parecer, se vista por olhos modernos, uma grandiosa acrópole, com suas descomunais colunas cilíndricas, templos branquíssimos, aquedutos, praças, torres de guarda e monumentos de proporções colossais.

Mas o que Orion discerniu, à luz do sol meridiano, não foram as proezas da engenharia. Poucos degraus abaixo, um homem era açoitado por dois guardas de armadura polida. Esses soldados usavam lanças, sua pele era ligeiramente azulada, e os cabelos, níveos, desciam soltos até os quadris. Já o alvo das pancadas, desferidas com o cabo das armas, tinha a cútis rosada, os fios louros, presos em um rabo de cavalo, e a barba curta, formando um cavanhaque em volta do queixo. Diferia de seus agressores, de porte magro e andrógino, por ser alto e ter os músculos proeminentes, revelando uma constituição de guerreiro. Os olhos eram cinzentos, a expressão felina, de um tigre selvagem, pronto a atacar sem demora, mas curiosamente ele não reagia, parecendo também não sentir as bordoadas. Sobre o corpo trazia uma couraça de ouro, um par de perneiras e dois braceletes, e do cinto pendia uma espada, o que levou os vigias a cercá-lo, tentando deter seu avanço.

— Alto — a voz de Orion se projetou num crescendo. Quando reinava sobre o trono de Mu e por todo o período anterior ao dilúvio, o monarca se apresentava aos humanos com seu avatar atlante, que seria destruído pela inundação, obrigando-o mais tarde a assumir outra forma. Trajava armadura completa, forjada em platina branca, ou *oricalco*, como fora apelidado pelos gregos, um tipo de mineral já extinto, mais resistente que o aço e mais leve que a seda, supostamente capaz de resistir a qualquer investida. Sua aparência era semelhante à dos guardas, magro, os traços finos, joviais, o rosto de um azul esbranquiçado, os olhos turquesa e os cabelos prateados, compridos e lisos. Mas o título Estrela de Prata era na realidade inspirado em seu bidente, isto é, um tridente com duas pontas, centralizado por uma esfera metálica do tamanho de uma mão fechada, que costumava reluzir nas noites de inverno. — Alto! Parem — ele repetiu. — O que está acontecendo aqui?

— Uma tentativa de invasão, Senhor dos Mares — respondeu um dos atlânticos, evocando outra das muitas alcunhas de Orion. — Um invasor. Não sei como conseguiu penetrar as muralhas.

— Já falei que não sou invasor — o louro protestou entredentes. Justamente para não causar alvoroço, ele se materializara sem as asas, esperando ser confundido com um homem ordinário, e *foi*. O que ele não sabia era que os homens, mais precisamente os homens de Enoque, estavam em guerra contra os atlantes. — Sou um mensageiro de Yahweh e estou aqui para falar com o seu rei.

— Decerto que está — Orion relaxou a guarda. Era fácil para os anjos reconhecerem uns aos outros, graças às vibrações de sua aura pulsante, um tipo de energia característica dos entes alados, tendo como cerne o coração. — Chega — virou-se para os soldados. — Já chega dessa balbúrdia. Deixem-nos agora. — E se dirigiu objetivamente a um deles, que despontava como o líder da dupla: — Este homem é meu convidado. Libertem-no.

— Mas, meu mestre — o oficial fez questão de alertar. — O enoquiano está armado. Se fosse realmente um diplomata...

— Não acho que ele seja um diplomata — cortou-o o rei prateado. — Com efeito, penso que é perfeitamente o contrário. — Estudou o visitante, encarando-o de perto. — Presumo que seja Ablon, dos querubins. — Deu um passo na direção do guerreiro. — Soube que viria ter comigo. Por que não se cobriu, afinal? Ninguém lhe avisou que homens e atlantes estão em guerra por estes dias?

— Não sou ladrão para me cobrir nem criminoso para me esconder — disse Ablon. — Sou um anjo de Deus e carrego uma demanda sagrada. Também não me importa contra quem estejam lutando ou com quem façam a paz. Minha tarefa é *divina*, está acima das brigas carnais.

— Uma coisa é certa. — Orion estendeu a mão às colunas, dispensando os soldados e ao mesmo tempo cumprimentando seu hóspede. — Definitivamente, você não é um diplomata — afirmou, referindo-se a seus modos, bastante diretos, típicos de um militar em serviço. — Me acompanhe, general. Como os arcanjos lhe contaram, meu nome é Orion, o Rei Ungido de Atlântida, e estou aqui para ajudá-lo. Dou-lhe as boas-vindas à minha cidade. — E gesticulou. — Siga-me.

O fato de Ablon ter se anunciado como "um anjo de Deus" não causou estranheza aos guardas, não naqueles dias em que tudo era mágico, em que nada era impossível. O próprio Orion nunca escondeu ser um emissário dos céus. Seus súditos o enxergavam como um ídolo, um ser divino em todos os aspectos, bondoso, sábio e onisciente, desde que ele passara a guiá-los, ao fim da idade do gelo. Sob seu bidente, aqueles sofisticados seres humanos o seguiram à mística ilha de Mu, a terra prometida, "onde o sol é abundante", e lá fundaram sua capital. Localizada algures no oceano Atlântico, ligeiramente acima do trópico de Câncer e a poucas léguas da atual costa da África, Mu era tida como a antiga pátria dos

eridais e estava carregada de energias telúricas, sendo um símbolo, antes de tudo, um ideal para as linhagens terrenas.

Orion e Ablon caminharam até o centro do palácio, no ponto mais alto da fortaleza de mármore. Nesse pátio havia um jardim, e no meio dele erguia-se um obelisco muito estranho, se comparado à arquitetura padrão. Os engenheiros locais trabalhavam com ângulos curvos, suaves, cônicos e cilíndricos, suas torres geralmente tinham abóbadas e os umbrais eram arqueados. Já o monumento em questão parecia uma pirâmide negra, alongada, com dez metros de altura, gravada com caracteres atlânticos, um sistema bastante complexo, que nem o próprio general entendia.

Era quase a hora do almoço. O Rei Ungido andou até a sacada. De frente para a escarpa havia uma mesa elíptica e sobre ela um banquete de cereais, legumes e frutas cultivados nas colônias, de sabor, nutrição e qualidade incomparáveis, muitos dos quais não existem mais hoje em dia. Os atlantes eram vegetarianos e não costumavam criar animais, usando como força motriz, em vez de cavalos, a energia do vento, do sol e da água. Os copos, pratos e talheres eram de prata, e as garrafas continham o famoso vinho lemuriano, forte e delicioso ao paladar.

— Sente-se — Orion acomodou-se em um dos lados da mesa e convidou o celeste a acompanhá-lo. — Coma quanto quiser.

— Obrigado — o general agradeceu. — Obrigado, majestade. Mas não estou com fome.

— Me chame de Orion — ele pediu. — Toda a gente de Atlântida me trata por títulos solenes, o que é necessário quando se governa um país. Mas você não é meu súdito, é meu colega. Há muito anseio ter alguém com quem conversar mais abertamente sobre as questões do paraíso. E, embora não sejamos da mesma casta, pertencemos à mesma espécie, "o povo alado", como me refiro à nossa raça quando converso com os meus sacerdotes. — E reforçou o convite: — Sinta-se em casa e aprecie este almoço. É assim que os terrenos confraternizam, e você veio a mim para conhecê-los, não foi?

— Está certo — concordou Ablon. — Se esse é um ritual humano, eu aceito me submeter a ele. — O querubim se acomodou na outra cabeceira. — Contudo não posso demorar. Tenho um soldado de prontidão, aguardando instruções.

— Um soldado? — o rei estranhou. — Onde ele está?

— Na parte externa da cidade.

— Por que não o trouxe consigo?

— Precaução básica — o anjo retorquiu. — Eu não sabia o que ia encontrar. Um avança, o outro dá suporte. — Correu os olhos pelo banquete, perdido ante a comida. — Por onde devo começar?

— Prove este refresco — Orion apontou para o vinho. Descansou o bidente no canto da mesa, serviu-se de pão e de uvas e esperou que o visitante começasse.

— Mas não exagere. Nunca exagere. O álcool é como a força da natureza. Pode ser um elixir ou então um veneno.

— Seguirei o seu conselho. — O querubim degustou o néctar lemuriano e em seguida cortou uma fatia de pão. Da sacada onde estavam, eram visíveis os atracadouros, construídos com uma espécie de marfim vegetal, de tons brancos, opacos e leitosos, e os navios atlânticos, ostentando velas azuis e prateadas, os mastros altíssimos. Mas, sendo Ablon um guerreiro experiente em vários tipos de armas, foram o bidente de Orion e a esfera prateada que lhe chamaram a atenção. — E quanto a este orbe? — ele perguntou, já que Orion insistia que fossem amigos. — Não me parece nem de longe um fragmento comum. Há uma forte radiação que emana de seu núcleo. O que ele faz?

— Meu caro general — o elohim falou com satisfação e orgulho. — O que você enxerga com seus olhos cinzentos é o que sobrou de Saphiro, uma das estrelas mais antigas do universo. Foi ela que deu origem à nebulosa de Orion e à constelação que carrega o meu nome.

— Uma estrela? — O anjo custou a acreditar, pois nunca vira um astro daqueles. — Como pode ser tão pequena?

— Saphiro não é pequena, é *densa* — explicou. — Ela já foi uma gigante vermelha, e nesse período perdeu quase toda a sua massa, despejando partículas que depois formaram a nebulosa, bem como outros corpos celestes. O que restou foi apenas o seu núcleo, muito concentrado, e a solidez permite que ela permaneça estável, impedindo que entre em colapso, o que provocaria uma distorção, um redemoinho de negritude infinita, de onde nem a luz poderia escapar. — Bebeu um gole de vinho. — Quando estão no espaço, alguns chamam essas estrelas de "anãs prateadas".

— Que arma fabulosa — o celestial maravilhou-se e sentiu-se obrigado a retribuir a história. — Pois esta lâmina que trago na cinta é a Vingadora Sagrada. — Sacou o artefato da bainha e o exibiu contra o céu. — Não tenho muito a falar sobre ela, exceto que é a minha espada e que minha aura pulsa através do seu aço. Ganhei-a do arcanjo Miguel, luto em sua honra, por isso às vezes me chamam de *Vingador*.

— Vingador? — Orion o estudou novamente e não achou que aquele fosse um título adequado. Ablon parecia mais um espírito da justiça, não da vingança, mas certamente Miguel tinha seus motivos para nomeá-lo assim. — É isso o que veio procurar? Vingança?

— Só cumpro ordens. — Recolheu a espada. Bebeu vinho. Comeu mais um pouco. — Se é justiça ou vingança, não cabe a mim dizer.

— Claro. — O Rei Ungido já sabia do que se tratava. — Metatron. Foi por ele que veio.

— Sim, para capturá-lo. E para exterminar os outros sentinelas que ainda insistem em sustentar essa causa.

— Bom, nesse caso você deveria ser chamado de Exterminador — descontraiu Orion, mas havia um fundo de verdade no que ele dissera. — O que sabe acerca dos indivíduos que pretende caçar? Especialmente daquele intitulado Primeiro Anjo?

— Quase nada — admitiu. — Esperava que você me instruísse.

— E eu o farei — o Senhor dos Mares aquiesceu. Encerrada a refeição, levantou-se, recuperou o bidente e deslizou até a amurada. Ablon o imitou. — Escute bem, general, pois o que vou lhe contar é a primeira história, a saga original, de onde todas as outras nasceram. — Tomou fôlego. — Os arcanjos são seres excelsos, supremos defensores da humanidade. Em certo ponto, eles congelaram o planeta, com o objetivo de tornar os mortais ainda mais fortes, de forçar sua evolução. Os sentinelas se amotinaram, pois tinham gerado filhos e filhas entre os homens e não queriam perdê-los, não estavam dispostos a fazer um sacrifício pelo bem maior. Miguel os removeu de seus cargos e mandou que nós, elohins, os assumíssemos. Começou a perseguição a Metatron e seus acólitos, e eu mesmo capturei alguns deles, com minhas próprias mãos. Os que não quiseram se render foram mortos, mas muitos escaparam, o que obrigou os primogênitos a arquitetar o cataclismo. — O cataclismo a que Orion se referia era o primeiro, e único, na época. Depois haveria outros dois, sendo o dilúvio o terceiro. — Os terrenos pagaram o preço, muitas pessoas morreram, mas finalmente quase todos os sentinelas foram destruídos. Desde então, Metatron desapareceu, o que preocupa os arcanjos. O que ele está planejando? Por que está se escondendo?

Ablon tentou pensar a respeito. O discurso do Rei Ungido, como os dois constatariam anos mais tarde, refletia a retórica do príncipe Miguel e não correspondia absolutamente à verdade. A glaciação não tivera como meta "tornar os mortais ainda mais fortes", e sim *dizimá-los*. E, não fosse pela intervenção dos sentinelas, hoje não haveria mais seres humanos na Terra.

— É o que pretendo descobrir — disse o querubim, fitando os templos e prédios mais abaixo. — Por onde devo começar?

— Bahr Lut seria a escolha mais lógica. Porém tenho uma ideia melhor.

— Qual?

— Como eu disse, Metatron desapareceu. — O monarca se virou para oeste, e sua armadura refletiu os raios de sol. A platina branca era muito lustrosa, quase um espelho metálico. — Mas creio que você poderá encontrá-lo se acossar primeiro os demais insurgentes.

— Sugere que eu os use como isca?

— Exato.

— Metatron os socorreria?

— Talvez. No mínimo, serviria como experiência de combate. Uma experiência crucial para derrotar o líder deles.

— Faz sentido.

— Muito bem. — Orion começou a andar pelo jardim, e o guerreiro o acompanhou. — Sabe-se da existência de seis sentinelas remanescentes. Três deles passaram à clandestinidade, incluindo Metatron. Os outros três continuam no comando de suas terras. São denominados de "Os Três Pilares", porque nenhum anjo, espírito ou homem até agora conseguiu derrubá-los, nem os querubins enviados por Miguel, nem o cataclismo, nem os elohins que deveriam substituí-los. Tão fortes e confiantes eles se tornaram que o poder os enlouqueceu. Hoje eles se consideram deuses, *deuses vivos* — afirmou. — Um deles é Kali, a Devoradora, um monstro de crueldade e sadismo que vive nas selvas ao sul de Gondwana, uma região inóspita, tropical e perigosa. Outro é Muzhda, o Colosso de Ferro, um ser ainda adorado nas montanhas de Arya, e o terceiro é Kha, alcunhado por seus seguidores de "O Sol", governante do vasto império desértico de Sakha.

— Entendo agora a aflição dos arcanjos. É uma vergonha para os celestes que esses três amotinados ainda reinem abertamente, e sem punição. — O general julgou-os petulantes e decidiu que iria destroná-los. — Mas custo a acreditar que nenhum anjo tenha conseguido batê-los.

— Pois acredite. — O monarca enrugou o semblante. Os olhos turquesa ficaram tristes, menos por ele e mais por Ablon, o Vingador, que embora forte não era páreo para os inimigos que viera enfrentar, sobretudo para Metatron. — Travei um duelo com Kha, o mais influente dos Pilares, e fui derrotado, escapando por pouco da morte. Não quero que isso aconteça com você, general. Seu propósito é justo, seu coração é limpo, suas intenções são nobres e verdadeiras — elogiou. — Oh, como eu gostaria de acompanhá-lo — admitiu num suspiro. — Como eu adoraria embarcar nessa missão, nessa aventura. Mas eu sou um rei agora, e um governante tem obrigações para com o seu povo, ainda mais em tempos de guerra. Todavia, farei tudo o que estiver ao meu alcance — prometeu e foi caminhando na direção do obelisco, o monólito negro que ficava no interior do jardim. — Eu o entregarei aos cuidados de Soma, o almirante de minha frota. Ele o transportará ao porto de Tétis, o maior entreposto comercial destes tempos. De lá, você encontrará caminhos e estradas para todos os cantos do planeta.

Orion estacou diante do obelisco e o tocou com delicadeza e fascínio. Os caracteres atlantes, inscritos no basalto, eram obviamente recentes, mas a estrutura em si, como Ablon reparara mais cedo, parecia ser bem mais antiga, um fragmento do mundo ancestral.

— Este pilar é diferente dos outros. — O guerreiro sentiu que era a hora certa para abordar o assunto. — Foi você que o ergueu?

— Gosto de dizer que sim. — O Senhor dos Mares continuava encantado, dedilhando a pirâmide e suas inscrições. — Porque escavei o topo deste morro e o descobri, projetando depois esta praça. Então, poeticamente, eu o levantei. Mas ele já existia quando chegamos.

— E para que ele serve?

— É uma chave.

— Para abrir o quê?

— O segredo da minha onisciência — disse o rei. — Esses objetos surgiram misteriosamente durante a era do gelo e podem ser encontrados em vários recantos do globo. Nós localizamos dezenas e ao redor deles construímos nossas colônias. Tudo o que eu sei é que estão ligados por meio de uma teia energética, e, conhecendo as frequências certas de meditação, é possível receber e enviar mensagens através deles.

— Muito útil para controlar um império. É assim que você enxerga as diversas partes da terra?

— Sim — Orion inclinou a cabeça. — Ordenarei o imediato deslocamento do *Baghti*, a nau capitânia de Soma, da fortaleza de Athea para cá. Enquanto isso, vocês serão meus hóspedes. Convoque o seu amigo para dentro de Atlântida. Não há razão para que ele aguarde fora dos muros.

— *Ela* — corrigiu Ablon. — Seu nome é Ishtar, subcomandante da Legião das Espadas e uma das minhas oficiais mais graduadas.

— Tanto melhor — o elohim murmurou. — Dessa maneira vocês poderão viajar como um casal de seres humanos, o que reforçará o disfarce.

— Não preciso de disfarce. Se os tais Três Pilares operam à vista de todos, por que nós temos de nos esconder?

— Os sentinelas não são o único perigo que assola este mundo, general. Há outros. — Fechou a cara. — Muitos outros.

PARTE III

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

56

A ILHA DO VIDRO

Côtes-d'Armor, França

Longe da agitação de Paris, dos cafés, monumentos e bulevares, é comum, a quem visita o noroeste da França, ouvir histórias de cavaleiros em armaduras brilhantes, de magos poderosos e dragões invencíveis, de espadas mágicas e reis legendários. Batizada pelos celtas de Armórica, a Terra do Mar, a região da Bretanha (ou *Bretagne*, em francês), com seus menires, dolmens e sítios pré-históricos, é tida como a pátria dos bretões no continente. Os bretões, que escaparam da atual Grã-Bretanha após o ataque dos anglo-saxões, no ano 500 d.C., estabeleceram ali suas casas, levando seus costumes, personagens e crenças folclóricas. Dessas lendas, provavelmente as mais fascinantes são as que se relacionam ao chamado "ciclo arturiano", aos contos do exótico Merlin e ao antigo povo das fadas.

O termo "antigo", nesse caso, não é meramente retórico. O pouco que se sabe sobre as fadas sugere que elas coexistem com os seres humanos desde antes da era do gelo. Há quem diga, até, que os atlantes teriam se miscigenado com as ninfas marinhas, daí sua pele de tonalidade azulada e sua propensão especial para a mágica. Se isso de fato ocorreu, não há registros que o comprovem. O que se tem certeza é de que as fadas, ou *sidhe*, são entidades estrangeiras, provenientes de uma dimensão a que chamam Arcádia. Segundo as canções e os poemas, essas criaturas, em determinado momento de sua história, teriam se espalhado pelo universo — um evento descrito em seus tomos como "a Grande Migração"

ou "o Êxodo do Outono" — e assim chegaram à Haled. Uma vez estacionadas no Éden, elas se adaptaram, dividiram-se em ramos, em famílias, fundaram companhias e cortes e aprenderam a se alimentar da energia dos sonhos, inspirando os mortais para que deles pudessem tirar o sustento.

Sendo figuras puramente espirituais, os sidhe, suas cidades e fortalezas regrediram ao plano etéreo faz muito tempo, quando o tecido da realidade engrossou. Mas sua raça continua a vagar através da película, lutando contra a vulgaridade dos homens, contra o racionalismo e o materialismo que corroem o planeta. Graças ao esforço das fadas, existem, até hoje, não apenas pessoas, mas áreas especialmente glamorosas, zonas inspiradoras e fascinantes onde as narrativas fantásticas, bem como os sonhos comuns, nos parecem mais próximos, menos fúteis e mais concretos.

Situada na costa norte da Bretanha, a península de Cap Fréhel é um desses lugares. No verão, o motorista que se aventure a dirigir até o fim da estrada encontrará um estacionamento para turistas em volta de uma magnífica torre de pedra, construída no século XVIII e encimada por um farol de aço pintado de verde, com parafusos grandes e janelas circulares. Se o forasteiro for mais ousado, poderá seguir adiante por um caminho de terra, alcançando as beiradas de um rochedo cuja última edificação é um paiol carcomido, datado de fins da Idade Média. De lá, o que se enxerga são as belíssimas falésias de Côtes-d'Armor, a oeste, as muralhas cinzentas do Forte La Latte, a leste, e as marolas azul-escuras do canal da Mancha, na direção norte. Poucos minutos antes de o sol se pôr, qualquer um que observe o horizonte é capaz de enxergar silhuetas translúcidas, provocadas pela condensação dos gases marinhos. É nesse instante que, em certos dias "abençoados", o tecido da realidade se afina, permitindo que os mais sensíveis tenham um vislumbre da ilha do Vidro, nomeada pelos celtas de Ynys Wydryn, pelos irlandeses de Tír na nÓg, a Terra da Juventude Eterna, e pelos bretões de Avalon, o Campo das Muitas Maçãs. Tão curto, tão fugaz é esse instante que, se Denyel e Sophia não chegassem rápido à península, se não estivessem sobre o rochedo dentro de uma hora, perderiam, até o próximo ano, a chance de transpor a passagem, que só se abriria durante uma fração de segundo.

O anjo acelerou a motocicleta, valeu-se das indicações contidas no mapa, mas as ruas estreitas dificultavam as manobras. O jeito foi tomar a sinuosa rodovia D34, ignorar cruzamentos, pegar atalhos e furar os semáforos vermelhos. Cerca das vinte horas eles enfim avistaram a colina, a torre e o farol, e dez minutos depois a Hayabusa estacionava sobre o pontão. O sol ainda não se deitara quando Sophia o convidou a segui-la através de uma trilha que descia a escarpa até uma praia de rocha ígnea, completamente deserta à luz do crepúsculo.

— Não acredito que vai levar a moto. — A elohim se espantou ao perceber que Denyel arrastava o veículo morro abaixo. — Deixe-a por aí.

— Nem pensar — ele negou com veemência. — Sabe quanto ela me custou?

— Não seja por isso. — Sophia estava disposta a pagar o preço que fosse para que ele se livrasse da máquina. — Compro-lhe outra depois.

— Duvido que encontre uma igual — Denyel respondeu de um jeito frio, meio lacônico, e mudou de assunto. — O que estamos esperando?

— O pôr do sol — ela disse. Os dois haviam se refugiado em um canto da praia, uma curta estria de terra forrada por minúsculos grãos de areia, pedacinhos de conchas e pequenos cascalhos. — E a baixa da maré. Sente esse cheiro?

— Ynys Wydryn?

— É — ela se surpreendeu. — Como sabe?

— Eu sei de um monte de coisas. Só não sei como entraremos na ilha. Os espíritos antigos, os deuses pagãos e as fadas nunca simpatizaram com a nossa espécie, desde a conclusão das Guerras Etéreas. Na realidade, muitos deles nos matariam por isso. — Ele se lembrou da experiência com os lobos e arqueiros na floresta Amazônica, e de outras que tivera ao longo da vida. — O mais provável é que sejamos enxotados.

— Não hoje. Hoje é dia de festa. Hoje é a noite do Alto Verão — Sophia explicou. — Os festivais são sagrados para os sidhe, e nessas datas, em particular, suas propriedades se abrem aos visitantes, que são recebidos com honras.

— Até os anjos?

— Pois é. — Ela fez um muxoxo. — Sua reputação está um pouco manchada.

— A minha? O que eu fiz?

— Não a sua. A dos celestiais em geral, afora os elohins — a morena comentou, orgulhosa. — Minha casta não tomou parte nas Guerras Etéreas, então somos, por via de regra, mais bem aceitos. Talvez você tenha problemas, mas ainda assim é o melhor plano que consegui imaginar. De qualquer maneira, é expressamente proibido, por decreto do rei, derramar sangue durante as noites de festa, então o pior que pode acontecer é você ser expulso. E aí a gente pensa em outra coisa.

Denyel não achou que o plano fosse infalível, mas o julgou aceitável, conformou-se e aguardou. Quando o sol tocou o horizonte, a maresia se intensificou e um nevoeiro branco os envolveu. O odor estimulava pensamentos nostálgicos, o que geralmente entorpecia as pessoas, fazendo-as se perder em recordações delirantes. Isso era na realidade um feitiço, um sistema de defesa idealizado pelas fadas, que impedia os homens comuns de enxergar a passagem, naqueles poucos segundos em que ela se abria. Mas, para aqueles que, como os alados, as crianças e os sensitivos, tivessem a capacidade de vislumbrar o além, a trilha se revelaria como um caminho de pedra, que se prolongava sobre as águas e penetrava nas brumas. Sem perder tempo, Denyel (trazendo a moto) e Sophia avançaram por

ela em direção ao sol, cujo halo, agora, formava um arco acima do mar, encolhendo-se a cada segundo.

Pouco antes de o umbral se fechar, os celestiais o transpuseram, chegando (supostamente) às praias anciãs de Ynys Wydryn. O ambiente, contudo, não lhes pareceu glamoroso, pois não se avistava um palmo sequer, não se viam faróis ou construções, não se escutava o fervilhar das marolas, tão densa era a névoa que os cercava. Cegos pelas brumas, sem pontos de referência, eles estavam perdidos, não sabiam para que direção rumar, até que ouviram um ruído semelhante ao roçar de bengalas, de muitas bengalas, e ao mesmo tempo contra as pedrinhas espalhadas no solo. O som aumentou e de repente eles se descobriram cingidos por três aranhas gigantes (ou algo do tipo), o abdome peludo, inchado, as patas longas, malhadas, as presas negras, umedecidas.

— Bom, pelo jeito pegamos o caminho errado, *chérie*. — O exilado sacou a pistola. — Se isso é uma fada, eu sou...

— Fale baixo, não grite — Sophia o interrompeu, aos sussurros. — Estamos no lugar certo. Estas criaturas são chamadas de *noturnas*. São fadas, mas nascidas dos pesadelos. — Abriu os braços, lentamente. — Não demonstre medo.

— Medo? — ele achou engraçado. — É preciso mais que uma trupe de insetos para me apavorar.

— Aracnídeos, não insetos.

— Insetos, aracnídeos... dá no mesmo. — E, para atestar justamente seu ponto, para *não* demonstrar medo, como era a ordem do dia, Denyel mirou entre os olhos de uma das feras e apertou o gatilho. O disparo gorou, e em vez de um projétil de chumbo o que saiu do cano foi uma vareta de madeira, rematada por uma bandeirola que ao se desenrolar revelou uma palavra: "BANG". — Que merda é essa? — O celeste sacudiu a Beretta, arrancou a varinha e a jogou fora. — Quem mexeu na minha arma?

— Ninguém. — Sophia se esforçou para manter a compostura. — Estas bestas têm o poder de alterar a matéria dos sonhos, e nós estamos, agora, no reino das fadas. Quanto mais você lutar, soldado, pior — ela o orientou. — Fique calmo.

— Estou calmo — ele garantiu, mas era claro que não estava. Sua maior preocupação não era a própria integridade, mas a motocicleta, a Hayabusa, a qual ele protegia como quem protege um amigo. Os monstros pressentiram, isto é, *farejaram* sua compulsão e se dirigiram a ele, ameaçadores, esguichando veneno.

Denyel olhou para a pistola, sem saber se deveria — ou conseguiria — usá-la, quando uma flecha assobiou e se encravou no chão, a seus pés. O tiro era, com efeito, um aviso não a ele, mas às noturnas, que compreenderam o recado e se afastaram, desaparecendo na cerração. E foi da mesma cerração que aflorou uma dupla de guardas bípedes, de estrutura delgada, orelhas pontudas, trajando

armaduras de escamas metálicas e portando arcos longos. O semblante era esguio e as feições delicadas, porém sisudas, seriíssimas e até arrogantes, pouco condizentes com a imagem que qualquer um teria das fadas, mais associadas à alegria, ao riso e à felicidade inocente.

— A ponte do sol já se fechou — disse o guardião, cheio de pompa. — O que faz um estraga-prazeres aqui, depois do crepúsculo?

— Estraga-prazeres? — Denyel sentiu-se ofendido. Logo ele, que se considerava um libertário. — Olha como fala.

— Olhe *você* como fala — aconselhou-o Sophia, inclinando-se até ele como quem conta um segredo. — Os sidhe são nossos anfitriões. "Estraga-prazeres" não é um desacato, tampouco um insulto pessoal a você, é como as fadas se referem a nós, anjos. Os celestiais só dormem quando estão feridos e, em todo caso, nunca sonham nem têm a capacidade de sonhar, por isso elas nos veem como entidades banais, como espíritos vulgares e "desgraçados".

— Desgraçados são eles. — Depois de quatro garrafas, Denyel não estava com paciência para engolir desaforos. — Se manda, orelhudo.

— Um passo a mais e serão alvejados — um dos guardas os ameaçou, o arco rígido, a flecha pronta. — Anunciem-se oficialmente, digam seus nomes, suas alcunhas e o motivo da visita, ou então podem dar meia-volta e regressar à penúria.

— Que seja. — Denyel deu um passo à frente, o tal passo que lhe fora proibido, e improvisou: — Eu me chamo Böðgæðir, Auxílio em Batalha, capitão dos aesires, e venho em nome da rainha Sif, Cabelos de Trigo, com uma mensagem para todos os sidhe. — E encerrou a troça com uma frase de cinema, para causar o desejado efeito dramático: — Levem-me ao seu líder.

Os guardiões se dobraram ao engodo, talvez pelo fato de que Denyel estivesse, de uma forma ou de outra, dizendo a verdade — não *toda* a verdade, é claro. Simulando eloquência, usando palavras sólidas, ele ganhara algum tempo dentro da ilha, mas não tinha ideia de como se livraria daquela enrascada nem do que diria ao ser apresentado ao rei, se é que as fadas, caóticas e imprevisíveis, realmente tinham um rei que as governasse.

Os arqueiros ignoraram Sophia — sua casta devia ter privilégios, o exilado deduziu — e permitiram que ela os acompanhasse através das névoas, sem escolta. Os quatro andaram por mais alguns metros, até que as brumas se dispersaram, dando lugar a um campo verdejante, banhado pelos raios da lua, estofado por uma relva macia e pontilhada por macieiras de tronco rugoso.

— Nos encontramos em duas horas, no Farol do Crescente — Sophia murmurou, despreocupada, confiante em que Denyel superaria mais esse obstáculo.

— Aí você me conta mais sobre essa história dos aesires. — Ela rodou nos calcanhares. — Não disse que preferia trabalhar sozinho? — E, antes de partir, sorriu discretamente. — Boa sorte na audiência.

O anjo não sabia onde ficava — nem o que era — o Farol do Crescente, mas logo sanaria sua dúvida, ou assim esperava. Algumas jardas adiante, todos os seus sentidos se multiplicaram. O aroma era de carneiro assado, batata quente, queijo derretido, mas também de maçã do amor, pipoca e algodão-doce. O burburinho incluía vozes finas, grossas, rugidos, sons de harpa, piano e violão. Gradualmente, coruscaram as luzes de Avalon, e Denyel discerniu uma alta colina de pedra, sobre a qual se fixava um castelo. Os muros externos, as guaritas e as barbacãs eram românicos, mas as torres internas, retas e triangulares, haviam sido erigidas em quartzo e bruxuleavam no topo, expelindo chamas azuis. Como o exilado viria a descobrir naquela mesma noite, as fadas são os únicos espíritos etéreos que se mantiveram atualizados sobre os avanços da sociedade, exatamente pela proximidade com os entes mortais. Enquanto as torres de cristal remontavam à arquitetura original arcadiana, as muralhas haviam sido incorporadas depois, projetadas por indivíduos mestiços, como o famoso mago Merlin, a sinistra bruxa Morgana e a adorável feiticeira Nimue, a Dama do Lago, todos gerados em ventres carnais, mas cuja alma guardava características — e potencialidades — feéricas.

O aspecto heterogêneo do povo das fadas seria mais bem desvelado nos próximos minutos. Contornando-se a fortaleza, na base do morro, emergia uma cidadela medieval, povoada por criaturas oníricas. Muitas delas eram elfos, tidos como os mais antigos e nobres dos sidhe, análogos aos arqueiros que o conduziam; outras eram pequeninas, similares aos duendes mitológicos, e havia ainda um sem-número de seres híbridos, que mesclavam características de animais e de gente. Os sidhe envergavam vestidos longos, túnicas romanas, peças renascentistas, ternos vitorianos, couraças e elmos de batalha, coroas de ouro, perucas principescas, mas raramente se via uma fada ostentando indumentárias modernas, afinal o século XX lhes sugara quase todo o *glamour*. Da mesma forma, objetos contemporâneos eram incomuns no reino encantado, à exceção das guloseimas, dos doces, bolos, refrescos, todos expostos nas praças e em barraquinhas nas imediações da calçada.

Na companhia dos elfos, usando calça jeans e jaqueta de couro e empurrando a Hayabusa, Denyel chamava atenção por onde passava. Os mais curiosos, figurinhas com olhos de lêmure e pescoço de suricato, seguiram-nos de perto, cientes de que o "estraga-prazeres" seria levado à presença do rei e que talvez seu diálogo inspirasse uma trova. Era o que o exilado também desejava, a propósito. Se o monarca não simpatizasse com ele, poderia executá-lo sem julgamento, e qualquer anjo exterminado em um vértice — em uma interseção planar como aquela

— resultaria permanentemente destruído, e não era assim que o capitão pretendia morrer. E nem iria. Tratou, então, de pensar em uma saída, de bolar uma estratégia, um argumento forte o bastante para ganhar a confiança dos sidhe.

Cruzando o portão em estilo gótico, chegava-se ao pátio interno de Ynys Wydryn. Ali, formações de cristais raiavam da terra, como árvores que brotam do solo. A ilha do Vidro fora assim apelidada por suas "colônias" de jaspe e "plantações" de diamante, sendo o cristal, em essência, o elemento mais abundante na Arcádia. O castelo tinha a entrada em forma de ogiva, o salão com o teto em abóbada e vitrais multicolores. Naquele espaço, concentravam-se o que Denyel preferiu classificar como "fadas adultas": os elfos, os sátiros, com cascos e pernas de cabra, os sluagh, obscuros e melancólicos, e os fomorianos, seres horrendos, deformados, com três ou mais braços, cuja missão é — como todo sidhe — tornar o mundo um lugar menos lógico, mas para isso eles recorrem ao medo, assustando os terrenos à noite, arrastando cadeiras, batendo portas e simulando os ditos "fenômenos *poltergeist*", com o objetivo de quebrar o racionalismo e forçar suas vítimas a acreditar no além.

O palanque superior fora trabalhado com ornamentos floridos, onde se destacavam dois tronos de cornalina. O assento à esquerda era reservado ao rei, Oberon, um elfo de cavanhaque negro e pequenos chifres caprinos, e à direita se acomodava a rainha, Titânia, de pele verde e orelhas agudas, que exibia uma tiara de louros. Um dos arqueiros se desvencilhou da escolta, subiu ao eirado e cochichou algo ao monarca quimérico. Seco, Oberon fechou a cara, empinou o queixo, olhou para Denyel e sinalizou com as mãos.

— Aproxime-se. — O tom era circunspecto, um tanto afetado, mas não necessariamente agressivo. — Que brisas o trazem?

— Ei, você — o anjo cutucou um dos guardas que o encaminharam ao palácio. — Fica de olho na minha moto, está bem? — Abusado, meteu a chave no bolso, entregou a Hayabusa aos cuidados do patrulheiro, avançou uns três passos e se ajoelhou diante dos tronos. — Salve, senhor. Salve, senhora. — Ele até então não sabia seus nomes, mas prosseguiu, fazendo uso das lições de fidalguia que aprendera em Asgard. — Brisas não, majestade. Furacões. Ventos tempestuosos.

— Erga-se. — Convencido de que o visitante era educado, o elfo o tratou com respeito. — Fale, plebeu. Diga a que veio.

— Não sou plebeu — Denyel pôs-se de costas eretas. — Como o seu servo deve tê-lo avisado, sou um cavaleiro. Capitão Böðgæðir, Auxílio em Batalha, vassalo de Sif, Cabelos de Trigo, a seu inteiro dispor.

— Mas isso é ultrajante. — Oberon fez uma careta indignada. — Como um celestial pode ser capitão dos aesires?

— Provei meu valor.

— Como?

— Oh, mas essa é uma história interessantíssima. — Era a deixa que ele esperava. Com um sorriso, o exilado contou em detalhes suas aventuras nos galhos da Yggdrasil, falou sobre o combate contra o dragão, que ocupara e destruíra o reino élfico de Álfheim, sobre a morte da ninfa Grimhildr, a recuperação da Notung, o resgate de Siegfried, o retorno do Mjölnir ao Valhala e finalmente discorreu sobre o Confronto do Inverno, às margens de Iðavöllr, que culminaria com a morte de Thrymr, o chefe dos gigantes do gelo. Quando encerrou a epopeia, o salão estava lotado, os convivas completamente extasiados com a descrição de eventos tão épicos. A fim de ratificar sua saga, Denyel arguiu o rei, colocando-o contra a parede, de maneira cautelosa e delicada. — Então, vossa majestade não escutou nada sobre a libertação de Bifrost?

— De fato — o sidhe alisou a barbicha. — Soube de algo nesse sentido.

— Suponho que esteja a par, nesse caso — continuou o exilado, melindroso —, da iminência do Ragnarök.

— Não. Disso, não — admitiu Oberon. — Não sei nada sobre o Ragnarök.

— Eis a minha missão, uma das razões de minha visita, entre outras — mentiu, mas não era exatamente mentira. Era mais uma oportunidade, uma chance de fazer a diferença (e de salvar seu pescoço). — Os aesires clamam por sua ajuda.

— Sim, mas, capitão... — O monarca ainda estava confuso com tanta informação misturada. — Como Oberon e Titânia poderiam ajudar Sif, Cabelos de Trigo?

— É simples. — Denyel não tinha pensado em nada, até que uma ideia lhe ocorreu. — Use suas fadas, que percorrem o mundo dos sonhos, que conhecem intimamente o reino dos homens, para reunir os nossos deuses, os deuses nórdicos, que foram exilados por Thrymr no plano etéreo, após o covarde assassinato de Thor.

— Hmm — refletiu Oberon e, a despeito dos esforços do anjo e da incrível fábula que relatara, parecia inclinado a recusar, quando a plateia, em especial as criaturas pequeninas, se manifestaram a favor do celeste. — Está bem, está bem — sacudiu as palmas para cima e para baixo, como se pedisse silêncio. — Está bem. — Olhou sobre a multidão. — Deste dia em diante, fica acertado que todo sidhe que encontrar um aesir em meio às suas andanças deverá reportá-lo a mim — determinou, reduziu o tom de voz e tornou a encarar Denyel. — Todavia, capitão Böðgæðir, não posso permitir que saia dos meus domínios sem que, antes, sua narrativa seja confirmada. Será meu hóspede até então.

— Peço que reconsidere, majestade.

— Por quê? — Era agora o rei que o colocava contra a parede. Os elfos são virtuosos, sábios, não tolos. — Não somos dignos de sua presença?

— Pelo contrário. Se existe alguém que não é digno de estar entre as fadas, esse alguém com certeza sou eu. — A modéstia era uma das virtudes da cavala-

ria, e o anjo a empregou magistralmente. — Entretanto, confesso que essa é só uma das causas de minha visita à prodigiosa ilha do Vidro. Outras são empreitadas de cunho pessoal.

— Veja, capitão. Compreendo e até acredito que suas palavras sejam sinceras. Mas seu espírito está ensopado pela banalidade, por dores e angústias essencialmente humanas. Deve expurgá-las, antes de tudo.

— É o que busco — ele declarou. — É esse o propósito da minha próxima demanda.

— Propósito justo, diga-se de passagem. Mas ainda não sei... — O monarca recostou-se no trono, apoiou os cotovelos sobre os braços do assento, respirou profundamente e se virou à esposa. — O que acha, minha linda Titânia?

— Vejamos. Chegue mais perto, Böðgæðir — a rainha solicitou que o querubim andasse até ela. — Dê-me a sua mão.

O exilado fez conforme instruído. Ofereceu a palma à soberana, que a acariciou como uma mãe afaga um bebê. Titânia era de personalidade distante, reservada, o que não significava, em absoluto, qualquer traço de submissão ou recato. Adorada pelos celtas sob o nome de Korrigan, a Senhora da Luz, deusa da fertilidade e protetora dos recém-nascidos, especialmente dos órfãos abandonados na porta dos conventos, ela possuía habilidades divinatórias, semelhantes às de Andira e do arcanjo Gabriel, atuando como conselheira dos sidhe e guardiã do tesouro das fadas.

— É verdade, meu amado Oberon, que este rapaz está corroído por sentimentos fugazes — afirmou Titânia. — Mas não completamente. Resta uma gota de esperança em seu coração, que ele mesmo germinou e que no final o salvará. — Ela soltou o punho de Denyel e com um suspiro o fitou, visivelmente triste por ter-lhe acessado as memórias. — Está livre para ir, capitão, mas saiba que não estamos fazendo isso por você. É pela menina. Está claro?

— Claríssimo. — O exilado curvou-se. — E, agora, me despeço desta corte, mas posso antes fazer-lhes um pedido?

— Muito bem — o rei anuiu. — Já que esta é uma noite de festa e que nos brindou com sua trova, concedo-lhe mais essa dádiva.

— Será que, por acaso, existiria em Ynys Wydryn um artífice, ferreiro ou metalúrgico que serviria às minhas necessidades?

— De bom grado? Duvido! — exclamou Oberon. — No entanto, se estiver disposto a pagar, bom, aí talvez. Pajens! — ele fez um gesto e dois elfos apareceram para atendê-lo. — Guiem o capitão Böðgæðir à tenda do mestre de armas.

— Não sei como agradecer.

— Então, não agradeça — pela segunda vez Titânia interveio, e fez questão de frisar: — Não é por você. É por *ela*. Pela menina.

GOSTOU?

PRESTIGIE A LITERATURA NACIONAL.
COMPRE O LIVRO NAS LOJAS:

Acesse também o site
www.filhosdoeden.com

Converse com o autor pelo Twitter
www.twitter.com/eduardospohr

E curta a página no Facebook
www.facebook.com/eduardospohr